



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LAISE MACIEL BARROS

A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DISCURSIVOS PARA A
GRAMÁTICA DA LÍNGUA APURINÃ (ARUAK)

BELÉM

2016

LAISE MACIEL BARROS

**A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DISCURSIVOS PARA A
GRAMÁTICA DA LÍNGUA APURINÃ (ARUAK)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Letras da Universidade do Pará, como requisito parcial para à obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Sidney da Silva Facundes

BELÉM

2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B277c Barros, Laise Maciel Barros.
A Contribuição dos Estudos Discursivos para a Gramática da Língua Apurinã (ARUAK) / Laise Maciel Barros Barros. — 2016.
95 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes Facundes
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

1. Gramática. 2. Discurso. 3. Pragmática. 4. Apurinã. I. Título.

CDD 415

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – Doutorado acadêmico em Letras – estudos Linguísticos.

Orientador: Prof^o. Dr. Sidney da Silva Facundes.

Data da defesa: 14 de março de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Orientador

Dr. Hein Van der Voort
Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

Profa. Dra. Angela Fabíola Alves Chagas
Universidade Federal do Pará (UFPA)

*Ao povo Pupykarywakury,
Aos meus amados pais
Lourival e Maria de Fátima,
Aos meus irmãos Inácio Ney, Lays e Lilian,
E, de modo muito especial, ao querido avô
Pedro de Cristo Maciel (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, luz guia, que me conduz em minha trajetória de vida, iluminando meus passos e mostrando as direções a serem tomadas.

Ao povo indígena Apurinã, em especial os colaboradores deste trabalho, Raimundo Nonato, seu Inácio, Dona Sebastiana, Santos, dona Ivanilde, Valdimiro, Arivaldo, Letícia, seu Osvaldo e dona Conceição e a todos os apurinã da aldeia Terra Nova.

Ao querido professor Sidi Facundes, por me oportunizar conhecer e desenvolver um trabalho de pesquisa com os Apurinã, e, principalmente por seus ensinamentos e paciência durante as orientações.

A toda a minha família, especialmente aos meus pais Lourival e Maria de Fátima pelo amor incondicional, pelos ensinamentos e incentivos. Aos meus irmãos Inácio Ney, Lilian e Lays, mana que não mede esforços em me ajudar e apoiar, especialmente durante estes dois anos de estudo.

Aos meus avós queridos Pedro de Cristo Maciel (meu grande incentivador) e Raimunda Maciel pelas orações. Aos primos Nelziane, Neliane, Karoline e Ronny e às tias Alzira Reis e Bernadete Maciel pelo incentivo.

Aos padrinhos João Paulo e Ana Nery pela acolhida, incentivo e cuidado dedicados a mim desde a minha vinda a Belém para os estudos pré-vestibular, e esse agradecimento se estende a todos os membros da minha família de coração, Dênio, Cristiane, Vanessa, Tiago, Heloísa, João Raimundo e João Pedro Pimentel.

Ao grupo de pesquisa da sala 6, Marília Freitas, Patrícia do Nascimento, Bruna Padovanni, Rayssa, Bruno e, de modo especial, à Bianca Rodrigues. Obrigada pelos conhecimentos partilhados, amizade e companheirismo durante as viagens de campo.

À antropóloga Pirjo Kristiina Virtanen pela companhia e pelo apoio oferecido na segunda viagem a campo.

Ao CIMI (Conselho Indigenista Missionário), em especial, ao Hoadson Leonardo, Ione e Bianca pelo acolhimento e apoio durante as viagens de campo.

Ao Ronaldo Pereira pelo apoio técnico na construção dos mapas e na formatação presente deste trabalho.

À amiga Juliana Ribeiro pela amizade e apoio na leitura dos textos em inglês.

Aos colegas do curso de mestrado pelos momentos bons vividos no percurso do curso e pelas trocas de experiências e conhecimentos.

Aos meus amigos Tayná, Fabiana (amiga-irmã), Jaqueline, Wallacy Pinheiro, César Brito, Cleiduardo Santos, Rodrigo Barros, Rodrigo Miranda, Luciana Saraiva (*in memoriam*), entre outros, que tanto me apoiam e me dedicam suas amizades.

De modo especial, ao Anderson Coelho pelo carinho e incentivo durante todo o percurso do mestrado.

Aos amigos do Coral Pietà, pela força, apoio e grande amizade.

Ao programa de pós-graduação em Letras.

À Universidade Federal do Pará.

E a todos direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

A vocês, meus agradecimentos.

“A língua de um povo é a sua alma”

Johann Fichte

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar um estudo acerca da gramática Apurinã por meio do viés discursivo, ou seja, demonstrar como determinados usos da gramática abarcam a interação entre propriedades semânticas, pragmáticas e morfossintáticas. Os elementos gramaticais envolvidos nesta pesquisa envolvem os pronomes pessoais, as partículas discursivas e a marca morfológica =*nhi*. Para descrever os fatos relevantes a respeito destes elementos, propomos uma análise descritiva que explique como a morfossintaxe interage com os domínios da semântica e pragmática, uma vez que alguns dos usos dos elementos pesquisados estão diretamente associados a noções discursivo-pragmáticas como empatia, ou intencionalidade do falante, fluxo de informação ou ao ordenamento de eventos no discurso. A pesquisa adota os postulados da linguística tipológico-funcional e abrange aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

Palavras-chave: Gramática; Discurso; Pragmática; Apurinã.

ABSTRACT

This study aims to present a research on the Apurinã grammar, examining its interaction with semantics and discourse-pragmatics in order to investigate how certain uses of grammar cover the interaction between semantic, pragmatic and morphosyntactic properties. The grammatical elements involved in this research include personal pronouns, discourse particles and the morphological form =*nhi*. In order to describe the relevant facts concerning these elements, I propose a descriptive analysis that tries to account for how the morphosyntax and the areas of semantics and pragmatics interact, since uses of the forms surveyed are directly associated with empathy or the speaker's intention, information flow and reference and sequence of events in discourse. This study adopts the principles of the typological-functional linguistics as they cover morphosyntactic, semantic and discourse-pragmatic properties.

Keywords: Grammar; Speech; Pragmatics; Apurinã

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 : Localização das comunidades Apurinã.....	16
Figura 02: Transcrição de texto oral no programa ELAN.....	34
Figura 03: Texto interlineraizado no programa FLEx	35
Figura 04: Trecho do texto <i>Natukupa itxa wai pawinhiã?</i>	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: O Sistema Vocálico.....	19
Quadro 02: O Sistema Consonantal.....	19
Quadro 03: A ortografia da língua Apurinã.....	20
Quadro 04: Referências para os textos usados como <i>corpus</i>	31

LISTA DAS TABELAS

Tabela 01: Pronomes dependentes vs. Pronomes independentes.....	55
Tabela 02: Formas pronominais e suas funções gramaticais.....	56
Tabela 03: Ocorrência das formas pronominais por texto.	64
Tabela 04: Ocorrência predominante dos tipos pronominais por função nos textos.....	66
Tabela 05: Ocorrência dos pronomes em relação a pessoa em todos os textos.....	67
Tabela 06: Ocorrência das formas pronominais com =ra, =kata e =nhi nos textos analisados.....	68
Tabela 07: As partículas discursivas do Apurinã segundo Facundes (2000).....	74
Tabela 08: As partículas discursivas do Apurinã.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS

AFET- Afetado	PFTV- Aspecto Perfectivo
ASSOC- Associativo	PL – Plural
AUM- Aumentativo	POSSD- Possuído
AUX-Auxiliar	PRED- Predicativo
CAUS- Causativo	REFLX- Reflexivo
DEM- Demonstrativo	SG- Singular
DIM- Diminutivo	VBLZ- Verbalizador
ÊNF- Ênfase	1- Primeira Pessoa
F- Gênero Feminino	2- Segunda Pessoa
FOC- Foco	3- Terceira Pessoa
GER-Gerúndio	
IMPFT- Aspecto Imperfectivo	
IDF- Ideofone	
LOC- Locativo	
M- Gênero Masculino	
N-POSSD- Não Possuído	
O- Objeto	
PEJ- Pejorativo	

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1.1 Introdução.....	16
1.1 Um panorama sobre o povo e a língua Apurinã	17
1.2 A língua	20
1.2.1 Tipologia geral da Língua.....	20
1.2.2 Aspectos fonológicos.....	21
1.2.3 Classes de palavras	22
1.2.3.1 Nomes	22
1.2.3.2 Verbo	25
1.2.3.3 Pronomes	25
1.2.3.4 Partículas	26
1.3 Suporte teórico.....	26
1.3.1 A morfologia de avaliação.....	30
1.3.2 Língua e afeto	32
1.4 Procedimentos metodológicos.....	33
1.4.1 Pesquisa de campo.....	34
1.4.2 Coleta e tratamento dos dados	36
1.5 Estrutura do trabalho	38
CAPÍTULO II: A MARCA MORFOLÓGICA =NHI	40
2.1 A distribuição de =nhi em Apurinã.....	42
2.2 Os usos e funções do =nhi.....	42
2.3 A linguagem e o caráter afetivo: =nhi e a teoria linguística.....	48
2.4 Conclusão	51
CAPÍTULO III: PRONOMES EM APURINÃ.....	53
3.1 Definição de pronome	53
3.2 Os pronomes da língua Apurinã.....	54
3.3 Análise das formas pronominais pessoais nos textos do Apurinã.....	59
3.3.1 As ocorrências das formas pronominais nos enunciados dos textos.....	67
3.3.1.1 As ocorrências das formas pronominais independentes.....	68
3.3.1.2 As ocorrências das formas pronominais dependentes.....	70
3.4 Conclusão	72
CAPÍTULO IV: PARTÍCULAS DISCURSIVAS	74

4.1 As partículas discursivas do Apurinã	74
4.2 As funções das partículas no discurso	79
4.2.1 Concordância e confirmação	79
4.2.2 Temporalidade	81
4.2.2.1 Sequência.....	82
4.2.3 Justificativa	85
4.2.4 Finalidade.....	85
4.2.5 Conclusão	86
4.3 Conclusão	89
Considerações Finais	90
REFERÊNCIAS	92

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. Introdução

O presente estudo tem por intuito apresentar uma pesquisa realizada sobre alguns elementos da gramática Apurinã (Aruák), observados por uma abordagem pragmático-discursiva, de modo a resolver algumas questões da língua que não podem ser compreendidas somente a partir de um ponto de vista estritamente gramatical.

A pesquisa parte de Facundes (2000), que apresenta uma gramática detalhada da língua Apurinã. A partir das informações contidas em Facundes (2000), elencamos alguns elementos linguísticos necessitados de uma descrição além das fronteiras gramaticais. A proposta de análise utilizada neste trabalho é inédita, pois abordará questões discursivas, o que ainda não foi explorado na língua.

Nossos objetivos são, de modo geral, realizar uma pesquisa sobre a língua indígena Apurinã por meio dos estudos discursivos e, especificamente, (i) analisar os pronomes dependentes e independentes e compreender, através da pragmática e do discurso, a escolha de um em detrimento do outro em algumas situações textuais; (ii) descrever os usos e funções do morfema =*nhi*; e, por fim, (iii) apresentar uma contribuição para a descrição das partículas discursivas do Apurinã.

Um estudo em que se observa a língua dentro da interação articulada em determinado lugar social proporciona um entendimento mais completo da mesma, promovendo, assim, uma compreensão de toda a situação comunicativa em que o texto está inserido para, desta maneira, entender as particularidades de uso de termos da língua em situações que fogem à compreensão gramatical.

Portanto, desenvolver um trabalho destinado à descrição de propriedades discursivas de línguas indígenas é relevante, primeiramente, por ampliar o conhecimento de descrição e documentação de línguas, muitas ameaçadas de extinção, e também por apresentar as formas em que as línguas humanas desenvolvem alguns fenômenos linguísticos, neste caso particular, no domínio do texto. Ao trabalhar com a língua Apurinã, almejamos contribuir para a

documentação e, de certa forma, para a preservação de uma das várias línguas indígenas da Amazônia.

Os resultados desta pesquisa podem servir de complemento para os materiais didáticos constituídos para servir como auxílio no ensino e na revitalização da língua.

Depois de apresentados os objetivos e relevâncias deste trabalho, passamos a fazer um breve panorama sobre o povo, língua e cultura Apurinã, assim como apresentaremos, também, o referencial teórico e a metodologia utilizada para a feitura deste trabalho.

1.1 Um panorama sobre o povo e a língua Apurinã

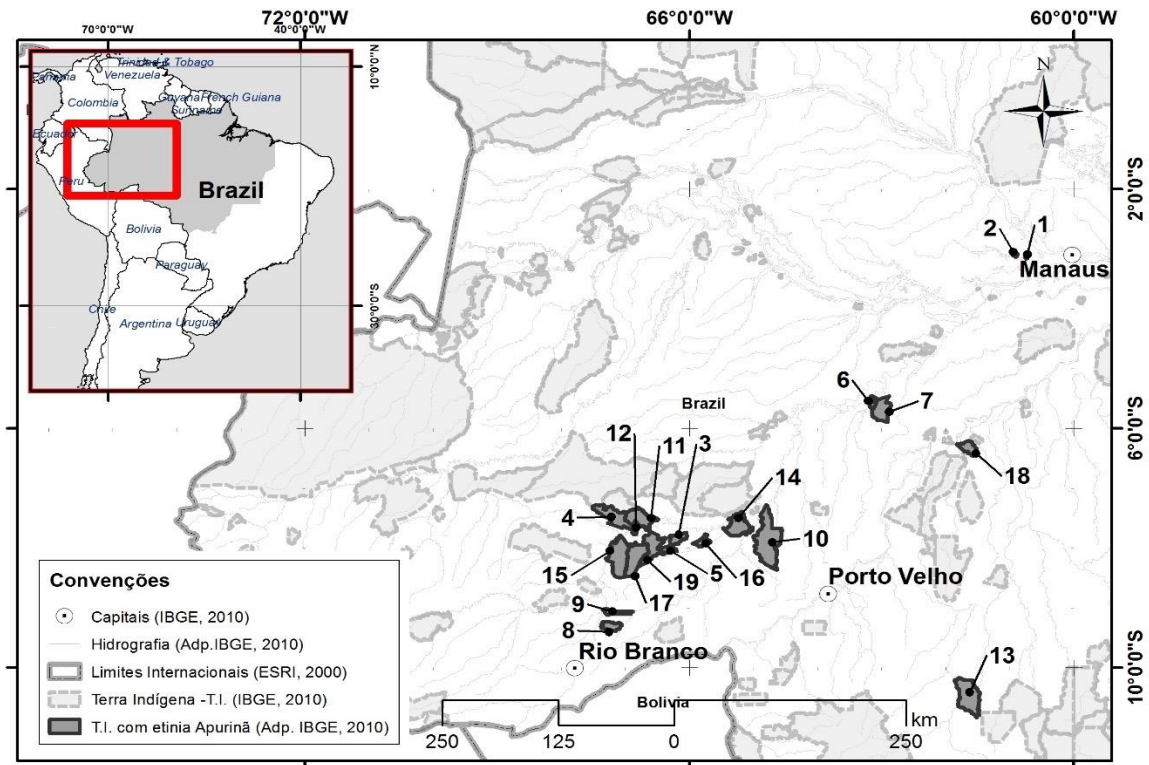
Apurinã é o nome usado em português para se referir ao povo *Pupÿkarywakury*, a língua falada por este povo também recebe o nome Apurinã, (FACUNDES, 2000). De acordo com este autor, para a maioria dos Apurinã, o termo *pupÿkary/ru* é uma autodenominação para os participantes deste grupo, entretanto, para alguns, quer apenas dizer ‘índio’. *Ipurinã, Ipurinan, Ypurinãs, Ipurynans, Hipurinás, Hypurinás, Hypurina, Tiupurina, Tiupurinã, Jupurina, Kankite, Kankutu, Kankiti, Kankete, Kaxarari* e *kangiti* (nome que corresponde a ‘gente’ em Apurinã) também são nomes encontrados na literatura para nomear este povo, como menciona Facundes (2000).

A população Apurinã vive em mais de 20 comunidades localizadas às margens dos afluentes do rio Purus, no sudeste do estado do Amazonas, e em comunidades situadas na rodovia 317, que liga as cidades de Rio Branco (RO) e Boca do Acre (AM), assim como nos núcleos urbanos destas duas cidades, e também nas periferias das cidades de Lábrea (AM), Pauini (AM) e Tapauá (AM) (Ver Figura 01). O número de comunidades Apurinã cresce em decorrência das constantes migrações. É possível, ainda, encontrar Apurinã vivendo em áreas indígenas de outras etnias como na Terra Indígena Paumari, do Lago Marahã, Terra Indígena Torá, Terra Indígena Roosevelt (Cinta-Larga) e terra indígena Jamamadi do Lourdes, segundo os dados da FUNAI, em virtude do casamento entre os Apurinã com membros destas outras etnias.

A ocupação do povo em várias comunidades ao longo do Purus pode ser entendida como aspecto sociocultural, pois, segundo Chandless (1866 apud Facundes, 2000), os Apurinã eram um povo voltado para a guerra e viviam em constantes conflitos internos. Para Facundes (2000),

esse perfil de povo guerreiro foi uma das causas da dispersão geográfica no rio Purus, assim como epidemias e mortes de familiares. O caráter migratório entre os Apurinã, como dito anteriormente, é considerado parte da cultura deste povo. A seguir podemos observar o mapa¹ que mostra a localização dos Apurinã no estado do Amazonas.

Figura 01: Localização das comunidades Apurinã



De acordo com FUNAI, podemos encontrar Apurinã residindo nas seguintes localidades: 1 Fortaleza do Patuá; 2 Jatuarana; 3 Terra Indígena Acimã; 4 Terra Indígena Água Preta; 5 Terra Indígena Alto Sepatini; 6 Terra Indígena Apurinã do Igarapé São João; 7 Terra Indígena Apurinã do Igarapé Tauá-Mirim; 8 Terra Indígena Apurinã do Km 124/ BR- 317; 9 Terra Indígena Boca do Acre; 10 Terra Indígena Caititu; 11 Terra Indígena Catipari/Mamoriá; 12 Terra Indígena Guajahã; 13 Terra Indígena Igarapé Lourdes; 14 Terra Indígena Paumari do lago Marrahã; 15 Terra Indígena Peneri/Tacaquiri; 16 Terra Indígena São Pedro do Sepatini; 17 Terra Indígena Seruini/Mariênê; 18 Terra Indígena Torá; 19 Terra Indígena Tumiã. Além desses locais registrados no IBGE, há Apurinã no Igarapé Mucuí, no Igarapé Paiol, no Lago

¹ Elaborado no LASA/CPAq/IEPA (2016).

do Barrigudo, na Terra Indígena Jamamadi do Lourdes (Jamamadi e Apurinã) e na Terra Indígena Itixi Mitari.

Na sociedade Apurinã há duas metades exogâmicas: os *Xiwapuryryry* e os *Meetymanety*. A organização social se dá tradicionalmente por meio de casamentos entre estes dois grupos. A diferença entre eles está fundamentalmente condicionada aos hábitos alimentares. Os *Xiwapuryryry* não podem comer inhambu, uma espécie de ave, enquanto que os *Meetymanety* não comem catitu, uma espécie de porco do mato. Os casamentos devem ser constituídos por membros pertencentes a grupos diferentes. E é a metade paterna que vai definir a que grupo um indivíduo Apurinã vai pertencer. No entanto, é importante mencionar que as regras tradicionais de casamento entre os Apurinã não estão sendo seguidas em algumas comunidades pelo motivo de não haver membros elegíveis para a formação de casais (LIMA, 2013).

Com relação aos aspectos culturais, os Apurinã, por meio do contato com outros povos, na época da extração e comercialização da borracha, perderam parte de sua cultura e começaram a desenvolver costumes da cultura tradicional cabocla, mas sem deixar de praticar alguns de seus costumes tradicionais. Outro fator que trouxe algumas mudanças na cultura deste povo foi o fato de uma parte da população ser convertida ao Cristianismo, tornando-se católica ou evangélica, e, com isso, a cultura apurinã sofreu influências do Cristianismo, por exemplo, entidades da cosmologia apurinã são associados às entidades religiosas cristãs; *Tsura* é chamado por alguns de Deus ou Jesus, e seus discípulos, (BRANDÃO, 2006).

Entretanto, alguns costumes típicos como a mastigação do *katsupary* (folha de coca misturada a um tipo de cipó e cinza de madeira específica) e o *Kyynyry* ou Xingané, festa com cantos que geralmente ocorre em ocasiões especiais, são mantidos pelos mais conservadores que ainda preservam a cultura tradicional do povo. O Xingané é uma festa que, atualmente, é realizada em ocasiões especiais como superação da perda de um ente querido. Ultimamente, a realização da festa está voltada para outro sentido, o do resgate cultural, alguns índios Apurinã se preocupam com o esquecimento de suas tradições, uma vez que “somente os mais velhos sabem organizar e conhecem os cantos típicos da festa”. (Macílio Apurinã em comunicação pessoal).

“A respeito da cultura material dos Apurinã, é comum ainda o uso do inalador e do recipiente para guardar o tabaco, assim como ainda são usados os utensílios na fabricação da farinha, como o tipiti. Poucos usam o arco e flecha para a pesca, e o fazem durante a friagem,

que ocorre poucas vezes ao ano; poucos também ainda produzem potes de barro para armazenar água. A cultura material é bem pouca, até porque os Apurinã eram muito envolvidos em guerras internas e com grupos Arawá,” conforme considera Brandão (2006).

1.2 A língua

A língua Apurinã, segundo Payne (1991) e Aikhenvald (1999) é pertencente à família Aruák, juntamente com as línguas Maxinéri, Piro, Iñapari, Waurá, Meináku, Yawalapítí, Tariana, entre outras. A Apurinã, assim como muitas línguas indígenas brasileiras, é considerada ameaçada de extinção, uma vez que possivelmente 30% da população dos Apurinã fala a língua, segundo Lima (2013). O português é a principal língua falada nas comunidades Apurinã. Somente no Tumiã, Tawamirim e em algumas aldeias localizadas no igarapé Itaboca, no baixo Purus, que o número de falantes de Apurinã é superior ao de falantes de Português; a língua indígena é o principal meio de comunicação, e, apenas nessas comunidades, as crianças aprendem o Apurinã como primeira língua.

A situação linguística do Apurinã, no que diz respeito à fluência da língua, descreve-se da seguinte maneira: em linhas gerais, somente os mais idosos são falantes fluentes de Apurinã; os adultos, em sua maioria, compreendem ou são conhecedores de partes do léxico; os jovens, geralmente, não compreendem e reconhecem alguns itens lexicais; as crianças, em geral, não aprendem o Apurinã como língua materna, exceto nas comunidades de Tumiã e Tawamirim.

Lima (2013), menciona que a educação Apurinã é reduzida à língua portuguesa e às disciplinas da escola primária dos não-índios, não havendo espaço para as práticas escolares com a língua Apurinã. Entretanto, nos últimos anos se iniciaram algumas atividades de ensino da língua indígena que contam com materiais recentemente confeccionados que auxiliam nessa tarefa de revitalização.

1.2.1 Tipologia geral da Língua

A língua Apurinã, de acordo com Facundes (2000), é polissintética e possui um complexo sistema morfológico marcado por uma grande quantidade de afixos que detêm um amplo valor semântico; a língua é predominantemente aglutinante, com estrutura silábica (C)(V)V (em que segunda vogal é semivogal); e a ordem dos constituintes é predominantemente VO (verbo-objeto). No que diz respeito ao acento, o Apurinã não tem um padrão acentual predizível, portanto, não é lexical e nem fonológico. O acento ocorre normalmente na penúltima sílaba, exceto se a última sílaba for formada por vogal longa ou

vogal nasal ou por ditongo; nesse caso, o acento ocorrerá na última sílaba, mas, em alguns casos, pode apresentar algumas alternâncias em sua posição, que ocorre predominantemente entre a penúltima e a última sílaba (FACUNDES, 2000).

1.2.2 Aspectos fonológicos

Segundo Facundes (2000), a língua Apurinã possui trinta e cinco segmentos fonológicos, destes, cinco são vogais orais que possuem contraste de nasalidade e prolongamento, totalizando 20 componentes vocálicos. Dessa forma, o Apurinã possui 20 vogais e 15 consoantes. A seguir apresentamos o sistema vocálico do Apurinã e posteriormente o sistema consonantal.

Quadro 1: O Sistema Vocálico

	Anterior oral/nasal	Central oral/nasal	Posterior oral/nasal
Alta	i/ i:/ ĩ/ ĩ:	ɨ / ɨ:/ ỹ / ỹ:	u/u:/ ũ / ũ:
Média	e/ e:/ ê / ê:		
Baixa		a/ a:/ ã/ ã:	

Quadro 2: O Sistema Consonantal

	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATO-ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVA	p	t		c	k	
NASAL	m	n		ɲ		
TEP		r				
FRICATIVA		s	ʃ			h
AFRICADA		ts	tʃ			
APROXIMANTE				j	v	

A seguir, apresentamos a representação fonológica, seguida da ortografia atualmente utilizada das consoantes e vogais da língua Apurinã:

Quadro 3: A ortografia da língua Apurinã

Vogais				Consoantes			
Fonemas	Letras	Fonemas	Letras	Fonemas	Letras	Fonemas	Letras
/a/	A	/aa/	aa	/p/	p	/ʃ/	x
/e/	e	/ee/	ee	/t/	t	/h/	h
/i/	i	/ii/	ii	/k/	k	/r/	r
/i/	y	/ii/	yy	/m/	m	/v/	w
/u/	u	/uu/	uu	/n/	n	/j/	i
/ã/	ã	/ãã/	ãa	/ɲ/	nh		
/ẽ/	ẽ	/ẽẽ/	ẽe	/ts/	ts		
/ĩ/	ĩ	/ĩĩ/	ĩi	/c/	th		
/ĩ/	ỹ	/ĩĩ/	ỹy	/s/	s		
/ũ/	u	/ũu/	ũu	/tʃ/	tx		

1.2.3 Classes de palavras

De acordo com Facundes (2000), a língua Apurinã contém nove classes de palavras: nomes, verbos, pronomes, demonstrativos, numerais, partículas, palavras interrogativas, onomatopeias e interjeições. Em função do tema da pesquisa, neste trabalho trouxemos breves informações sobre nomes, verbos, pronomes e partículas, a fim de oferecer um suporte para a compreensão, principalmente, destas duas últimas classes no discurso Apurinã. As informações contidas nestas subseções são referentes à descrição feita pelo referido autor.

1.2.3.1 Nome

O nome em Apurinã, segundo Facundes (2000), pode ser morfológicamente definido como a classe de palavras constituída por uma base nominal à qual se agregam morfemas essencialmente nominais. A classe dos nomes pode distinguir-se das outras classes da língua

em vários aspectos por apresentarem traços específicos, como a marcação de gênero, número e posse.

Em Apurinã, os nomes podem conter marcação de gênero feminino ou masculino de forma lexical ou morfológica, e essa propriedade gramatical não está apenas refletida na estrutura do nome, quando este admite uma marcação morfológica de gênero, mas também em outras palavras da língua, com as quais o nome venha a concordar, manifestando, assim, um padrão de correferencialidade. A exemplo: *kaikutsa-ru hātaku-ru* (ser.forte-F jovem-F) ‘moça forte’ e *kaikutsa-ry hātaku-ry* (ser. forte-M jovem-M) ‘rapaz forte’.

Além das marcas morfológicas *ru* e *ry*, o Apurinã também apresenta a palavra *ywa/uwa* para indicar o gênero na língua. Trata-se da forma pronominal independente para a terceira pessoa do singular (*ywa* ‘ele’ e *uwa* ‘ela’). Assim, exceto por essa forma pronominal específica, apenas nomes apresentam a categoria de gênero (FACUNDES, 2000). Os exemplos a seguir, mostram alguns nomes em Apurinã com suas respectivas marcações de gênero.

(1)

- | | |
|--|--|
| a) <i>ātaku-ru</i>
joven-F
‘moça’ | <i>ātaku-ry</i>
joven-M
‘rapaz’ |
| b) <i>pupÿka-ru</i>
Apurinã-F
‘Apurinã (feminino)’ | <i>pupÿka-ry</i>
Apurinã-M
‘Apurinã (masculino)’ |
| d) <i>upu</i>
‘larva (feminino) | <i>ÿwy</i>
‘flor (masculino) |
| e) <i>ããta</i>
‘canoa tradicional (feminino)’ | <i>ãatsupa</i>
‘folha (masculino)’ |
| f) <i>pirana</i>
‘conversa (feminino) | <i>mãkatxi</i>
‘roupa (masculino)’ |

Como podemos observar, conforme as informações contidas em Facundes (2000), em Apurinã não há uma única maneira de se definir o gênero, apesar da língua apresentar as marcas morfológicas *-ru* e *-ry*, as quais denotam o gênero feminino e o gênero masculino

respectivamente. Entretanto, há palavras na língua em que estas marcas morfológicas não estão presentes, como (*sytu* ‘mulher’ e *kyky* ‘homem’), desta maneira, o gênero é definido lexicalmente. Similarmente, também há palavras em Apurinã que, para se saber o gênero, é necessário recorrer às categorias semânticas e pragmáticas da língua, como em (1d-f).

Assim como a marcação de gênero, o número em Apurinã é marcado por morfemas propriamente nominais. Os sufixos *-waku*, *-ny* são os responsáveis por determinar o número na língua. O primeiro ocorre com nomes que fazem referência a seres humanos; já *-ny* é usado com nomes referentes a seres tanto animados quanto inanimados. Vejamos os exemplos (FACUNDES, 2000, p.260, 262).

(2)

a) *kyky-waku-ry* *apu-pe*
 homem-PL-M chegar-PFTV
 ‘Os homens já chegaram’

b) *sytu-waku-ru*
 mulher-PL-F
 ‘mulheres’

c) *aiku-ny-ry*
 casa-PL-M
 ‘casas’

d) *sytu-ny-ru*
 mulher-PL-F
 ‘mulheres’

Ainda a respeito dos nomes do Apurinã, eles também possuem, como característica típica, a marcação de posse, uma vez que, segundo Facundes (2000), somente os nomes formam construções possessivas por justaposição (por exemplo, *ãamyna ãakutsa* ‘raiz da árvore’, sendo *ãamyna* o termo para ‘árvore’ e *ãakutsa* o termo para ‘raiz’) e apenas nomes recebem sufixos que codificam posse, nomes inalienáveis, ou quando a posse não ocorre, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(3)

a) *ny-kanawa-te*,
 1SG-canoa-POSSD,

‘minha canoa’

b) *mãka-txi*

roupa-N.POSSD

‘roupa’

Na classe de nomes simples do Apurinã, há os *nomes inalienáveis* (classificatórios e não classificatórios) que são obrigatoriamente possuídos e *nomes alienáveis* que não são obrigatoriamente possuídos.

1.2.3.2 Verbo

Segundo Facundes (2000), no verbo reside a estrutura morfológica mais complexa da língua. Os verbos podem admitir alguns prefixos, porém, há o predomínio de sufixos. As bases verbais, segundo o autor, recebem marcas pronominais que estão divididas em: marcas pronominais de sujeito (após o verbo) e marcas pronominais de objeto (antes do verbo). Vejamos os exemplos:²

(4)

a) <i>Atha</i>	<i>nhika-ry</i>	<i>ximaky</i>
1PL	comer-3M	peixe
‘Nós comemos peixe’		

b) <i>Iuwata</i>	<i>n-atamata</i>	<i>nuta</i>
faca	1SG-ver	1SG
‘Eu vejo a faca’		

1.2.3.3 Pronomes

Os pronomes do Apurinã, segundo Facundes (2000), formam a única classe de palavras cujos membros se combinam para codificar pessoa, número e gênero, ou uma combinação desses significados, dependendo do pronome em questão. Os pronomes não possuem uma morfologia inerente, ou seja, ainda que possam ter traços de uma morfologia interna *ywa/uwa* que equivale a mais de um morfema; pelo menos em um processo de lexicalização, tais formas não admitem flexão, por isso, são morfológicamente distintos de nomes e verbos. O Apurinã

² Retirados de Facundes (2000 p. 273)

contém sete pronomes independentes, quatro no singular e três no plural³, e somente a terceira pessoa expressa a distinção de gênero. Mais detalhes sobre os pronomes serão mostrados no terceiro capítulo, que é dedicado ao estudo desta classe.

1.2.3.4 Partículas

As partículas, de acordo com Facundes (2000), correspondem a uma classe que apresenta variadas funções, de modo que itens dessa classe não se “encaixam” em nenhuma das outras classes de palavras.

As partículas têm um padrão semelhante na medida em que, geralmente, não possuem qualquer morfologia inerente nem se adere à morfologia nominal ou verbal, (FACUNDES, 2000, p. 367). Os significados/funções associados às partículas envolvem modificação adverbial, ligação oracional e discurso. O Apurinã contém partículas adverbiais, polares, discursivas e exortativas, as quais serão mostradas nos exemplos abaixo⁴:

(4)

Partícula adverbial

a) *Watxa ny-sy-pe-ka*
 agora 1SG-ir-PFTV-PRED
 ‘agora, eu já vou agora’

Partícula discursiva

c) *Ateeneka... a-txa*
 tá certo 1PL-fazer
 ‘tá certo... nós fazemos’

Partícula de polaridade

b) *Kuna awa-ry nhipuku-ry*
 não haver-3SG.M.O comida-N.POSSD
 ‘não tem comida’

Partícula exortativa

d) *Amu a-sy-pe*
 vamos 1PL-ir-PFTV
 ‘vamos ir’

Após essa breve apresentação sobre os nomes, os verbos, pronomes e partículas do Apurinã, teremos, na próxima seção, o referencial teórico e os procedimentos metodológicos escolhidos para a construção deste trabalho.

1.3 Suporte teórico

A língua, segundo Givón (2012), é um instrumento de comunicação; então é estranho tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa.

³ As formas da terceira pessoa do plural são variantes dialetais que ocorrem com pouca frequência, pois cada forma é específica a uma determinada variedade da língua.

⁴ Exemplos de Facundes (2000, pp.368-374).

Portanto, restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas e coisas assim existem para servir a funções comunicativas específicas.

Nessa perspectiva, esta pesquisa desenvolve um estudo a respeito da língua Apurinã, por meio do viés discursivo, a fim de resolver algumas questões da língua que não podem ser entendidas somente com uma visão estritamente gramatical, como já mencionado anteriormente. Assim, para guiar as análises presentes neste estudo, buscou-se fundamentação em três domínios da linguística: gramática, pragmática e discurso, além da orientação da linguística tipológico-funcional.

A língua Apurinã vem sendo descrita há mais de 25 anos por Facundes e seus alunos e, como resultado dessa descrição, atualmente existe uma gramática rica em informações sobre a língua. No entanto, são informações de cunho fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical. Entretanto, faz-se necessário obter-se informações que ultrapassem as fronteiras gramaticais da língua. Facundes (2000) menciona a necessidade de um estudo discursivo para melhor entender o funcionamento do Apurinã, portanto, ratificando a importância da construção de uma pesquisa sob um ponto de vista analítico-discursivo.

Os elementos gramaticais propostos para estudo neste trabalho incluem os pronomes pessoais dependentes e independentes que possuem formas distintas de denotar as funções sintáticas de *sujeito*, *possuidor* e *objeto*⁵. Segundo o mesmo autor, os pronomes pessoais, dependentes e independentes, apresentam-se em formas proclítica e enclítica, que também vão discordar na correspondência das funções sintáticas supracitadas. Este estudo tem como uma de suas finalidades entender o uso dos referidos pronomes no discurso apurinã, uma vez que averiguamos o uso dos mesmos tanto em forma dependente quanto em forma independente. Havendo a possibilidade de usar uma forma ou outra, o que determina a escolha? O estudo discursivo e pragmático talvez a defina, pois supõe-se que esta não deva ocorrer de modo aleatório. Desta maneira, é necessária uma análise de textos por meio dos estudos discursivos para determinar os usos das formas pronominais no discurso.

Outra categoria a ser estudada são as partículas que, segundo Facundes (2000, p. 367), são classes de palavras que não se adaptam a qualquer categoria de palavras já estabelecida. Como já visto anteriormente, as partículas do Apurinã se dividem em cinco subcategorias: adverbiais, subordinativas, polares (positivas e negativas), exortativas e discursivas. Neste

⁵ No capítulo III, destinado aos pronomes pessoais da língua, há detalhes do comportamento e funções que tais pronomes apresentam em Apurinã.

trabalho será abordada, essencialmente, esta última subcategoria, por meio do ponto de vista discursivo-pragmático.

As partículas discursivas compreendem várias formas de palavras que são normalmente usadas para ligar pedaços de discurso e a função precisa dessas formas não pode ser descrita sem entendimento detalhado da estrutura discursiva da língua (FACUNDES, 2000, p. 372), pois o que vem determinar uma partícula discursiva é a explanação analítica de seu comportamento na linguagem (JONES, 1992, p. 127). Entretanto, ainda não houve um trabalho voltado para o discurso da língua Apurinã para, assim, estabelecer as funções que as partículas vão desempenhar no discurso desta língua.

E, finalmente, a marca morfológica =*nhi*, que está associada à função de expressar, na língua, as noções de empatia, marca de “finado” e de pena ou solidariedade. Tais elementos apresentam usos e funções, em Apurinã, que não podem ser compreendidos unicamente com base em suas informações gramaticais.

Os elementos acima citados já foram descritos em termos de suas propriedades gramaticais, porém aparecem em textos com alguns usos que a gramática não explica. Assim como o Apurinã, diversas línguas possuem particularidades de usos que fogem à compreensão gramatical. Deste modo, faz-se necessário considerar o contexto, além de outros elementos, para se estabelecer sentido. Schiffrin (1987, *apud* Neves, 2010, p. 25), diz que

a língua ocorre sempre em um contexto (cognitivo, cultural, social), é sensível ao contexto (domínios culturais, sociais, psicológicos, e textuais, que penetraram em todos os níveis da linguagem), é comunicativa (sempre endereçada a um receptor) e é projetada para a comunicação (a própria redundância é projetada para facilitar o processo de comunicação). Fica assentado que a língua é usada (e, portanto, organiza estruturas) a serviço das metas e intenções do falante (que são tomadas e realizadas em relação aos ouvintes), e é da organização dessas metas que emerge a ação (ou a realização de ações) discursiva.

Partindo do mesmo pensamento de Schiffrin e dos pressupostos funcionalistas, buscou-se, para este trabalho, a noção de gramática que diz respeito ao conjunto e à natureza dos elementos que compõem uma língua e às restrições que comandam sua união para a formação de unidades maiores no contextos reais de uso, ou seja, o conjunto de interpretações e descrições acerca do funcionamento de uma língua, (MARTELOTTA, 2013, p. 44). Trata-se, deste modo, de uma gramática funcional que leva em conta os parâmetros pragmáticos e discursivos, segundo Neves (2010, p. 26), esta gramática faz,

acima de tudo, a interpretação dos textos, que são considerados as unidades de uso – portanto, discursivo-interativas – embora, obviamente, se vá à interpretação dos elementos que compõem as estruturas da língua (tendo em vista suas funções dentro do sistema linguístico) e à interpretação do sistema (tendo em vista os componentes funcionais).

Outra abordagem em que se estabelece uma relação entre gramática e discurso é a gramática cognitivo-funcional⁶ que, segundo Martelotta (2013, p. 63), analisa a estrutura gramatical, mas também analisa a situação de comunicação inteira: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Segundo o mesmo autor, há, entre a gramática e o discurso, uma relação intrínseca, na qual o discurso precisa dos padrões gramaticais para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando-se para se adaptar às novas situações de interação.

Além dos construtos da gramática funcionalista, são necessárias, também, as contribuições da pragmática e da análise do discurso para se compreender o funcionamento da língua como um todo.

A pragmática, segundo Neves (2010, p. 88), aborda um contexto extralinguístico, os fatores socioeconômicos, culturais e afetivos envolvidos na comunicação e no modo de interação entre os participantes de um determinado contexto comunicativo. É a dimensão social do uso linguístico. Em outras palavras, a pragmática está preocupada com o significado no contexto de uso da língua (WILSON, 2013), ou seja, é a ciência do uso linguístico, que estuda as condições que governam a utilização da linguagem na prática linguística (FIORIN, 2010).

Os estudos pragmáticos da linguagem levam em conta a fala, o uso, e jamais a linguagem isolada de sua produção social, como afirma Pinto (2006). O discurso, por sua vez, possui características essenciais como a da organização situada para além da frase, isto é, a que movimenta estruturas de outra ordem, como contexto e conhecimento de mundo, segundo Maingueneau (2002). Para Biber, Conrad e Reppen (1998), muitos léxicos e traços gramaticais só podem ser entendidos completamente se forem estudados por meio da análise de suas funções no contexto discursivo. E é evidente que, em cada língua e cultura, existem textos que se encaixam em tipos de discursos. Esses textos possuem um propósito cultural. E, em grande parte, a análise de discursos depende dos gêneros em que eles se realizam, como afirmam Dooley e Levinsohn (2009).

A análise do discurso, segundo Paltridge (2006, p. 02, *tradução nossa*),

⁶ Termo usado por Tomasello (2003) e presente em Martelotta (2013).

busca examinar a língua por meio de textos e considera as relações entre língua e os contextos socioculturais em que ela é usada. A análise do discurso avalia também o uso da linguagem em diferentes visões de mundo e diferentes entendimentos, examina como o uso da linguagem é influenciado por relações entre participantes, bem como os efeitos do uso da linguagem tem sobre as identidades e relações sociais. Assim como também considera como as visões de mundo e identidades são construídas por meio do discurso.

De acordo com Paltridge, a análise do discurso dá importância aos contextos socioculturais em que o texto é realizado, assim como o conhecimento de mundo e as relações de identidade presentes na interação comunicativa. São essas informações extralinguísticas que vão subsidiar o entendimento dos elementos gramaticais do Apurinã postos aqui em estudo, juntamente com os construtos teóricos que embasam as análises desta pesquisa.

Além das breves considerações apresentadas sobre os três domínios da linguística (gramática, pragmática e discurso) que orientam esta pesquisa, apresentamos, também, algumas menções sobre trabalhos voltados para a descrição por meio da linguística tipológico-funcional que fazem referência a elementos de ordem semântica e pragmática.

1.3.1 A morfologia de avaliação

Nosso objetivo aqui não é traçar um perfil morfológico do Apurinã com base na morfologia de avaliação, mas fazer alusão às avaliações com base nos sentimentos do falante presentes nesse domínio da morfologia. Para tanto, é preciso algumas informações concisas a respeito da morfologia de avaliação.

Körtvélyessy (2012, *apud* Di Garbo 2013) define a morfologia de avaliação como um conjunto de estratégias morfológicas que as línguas usam para codificar a noção semântica de "*menos do que / mais do que* de uma quantidade padrão de substâncias, qualidades, ações e circunstâncias, com o conceito de quantidade padrão sendo algo relativo". Para Grandi e Körtvélyessy (2013), as construções de avaliação (diminutivos, aumentativos, pejorativos e melhorativos) exibem propriedades distintas da flexão e da derivação, ou, numa perspectiva mais ampla, formam outras construções morfológicas.

Bauer (1997), por sua vez, afirma que a morfologia de avaliação faz referência a afixos que estão ligados às noções de aumentativos e diminutivos que não estão necessariamente ligados às dimensões de tamanho, mas também às conotações emocionais que expressam aprovação e afetividade ou desaprovação e pejoração, ou seja, além de discriminar tamanho e noções polarizadas (positivo e negativo), algumas línguas manifestam emoção atribuída às

expressões de intensificação, polidez ou modéstia, por meio dos mesmos afixos usados para designar o aumentativo e diminutivo (BAUER, 1997). Segundo o autor, a morfologia avaliativa pode ser encontrada associada a várias classes de palavras, como por exemplo, substantivos, verbos, adjetivos, mas os substantivos parecem ser a categoria mais típica de receber a marcação de avaliação (BAUER 1997).

Grandi e Körtevélyessy (2013), alegam que é sabido que a morfologia avaliativa é peculiar; no entanto, ainda não há clareza na literatura a respeito das construções avaliativas. As razões para as inconsistências sobre o tratamento desta morfologia, segundo este autores, podem ser trazidas por meio de duas maneiras. Primeiramente pelo fato de palavras complexas avaliativas se comportarem como palavras derivadas em algumas línguas (como, por exemplo, as línguas românicas) e como palavras flexionadas em outros (por exemplo, algumas línguas Bantu). E, em segundo lugar, a quase totalidade dos estudos sobre afixos avaliativos fornece uma definição implícita de morfologia avaliativa, não havendo certeza se os estudos estão voltados para os mesmos dados ou compartilham os mesmos conceitos de morfologia avaliativa, o que, por consequência, resulta em conclusões dificilmente compatíveis, segundo Grandi e Körtevélyessy (2013).

De acordo com os autores supracitados, o nível semântico-funcional é o ponto de partida mais promissor para se estabelecer uma definição geral da morfologia de avaliação. Eles também afirmam que, se atentarmos para as funções linguísticas ligadas às construções de avaliação, podemos fazer uma generalização e estabelecer um agrupamento em duas classes: qualitativa e descritiva (ou quantitativa). Assim, o objeto (ou pessoa, ação, etc.) pode ser avaliado de acordo com suas características reais (tamanho, forma, etc.) e com os sentimentos do falante sobre o item avaliado.

Deste modo, segundo Grandi e Körtevélyessy (2013), a avaliação descritiva não é influenciada por sentimentos ou opiniões pessoais, mas se baseia em propriedades reais e objetivas de um determinado item. Por outro lado, a avaliação qualitativa assume uma avaliação subjetiva: sentimentos pessoais ou opiniões, e a influência do contexto extralinguístico torna-se o parâmetro crucial. O mesmo falante pode avaliar o mesmo objeto (ou ação, pessoa, etc.) de forma diferente se há mudança no contexto extralinguístico. Além disso, diferentes falantes podem avaliar o mesmo objeto (ou ação, pessoa, etc.) de diferentes formas.

Em outras palavras, a avaliação descritiva se baseia em características reais permanentes que pertencem a um determinado objeto, já a avaliação qualitativa baseia-se frequentemente

em parâmetros temporários e variáveis, isto é, o primeiro tipo de avaliação é uma descrição e o segundo é uma interpretação, este último voltado ao nível do discurso (GRANDI e KÖRTVÉLYESSY 2013).

1.3.2 Língua e afeto

A associação da linguagem às emoções transmitidas pelos falantes no momento da fala, que auxiliam no estabelecimento de sentido, está presente nos postulados dos linguistas funcionalistas. Besnier (1990, p. 419),[afirma que a noção de sentido linguístico apresentada por Lyons (1977) está ligada a

três componentes: sentido descritivo (referencial, proposicional, nocional, ou denotativo) em que os signos linguísticos envolvem as entidades e processos de descrição; sentido social, constituído de categorias sociais (gênero, classe social, etnicidade, situação, etc.) representados na linguagem; e sentido *expressivo* (afetivo ou emotivo), representando a fala ou a escrita emocional, humor, disposição e atitudes voltadas para o contentamento de mensagens e o contexto comunicativo. (BESNIER, 1990: p. 419. *Tradução nossa*)

O autor também afirma que o termo “afeto” é encontrado no modelo funcional de Halliday (1970;1973) em duas partes, uma de caráter interpessoal, na qual os grupos sociais são delimitados e o individual é identificado e reforçado, e outra de caráter textual, em que dá coerência para o discurso. Também menciona que o “afetivo” está presente em várias categorias das funções da linguagem de Jakobson (1960).

“Os sentidos afetivos são vistos em codificações das emoções da fala, em que o interlocutor decodifica as mensagens verbais que são precedentes da intencionalidade, de propriedades individuais”, (BESNIER, 1990, p. 420, *tradução nossa*).

Besnier (1990) alega que, em algumas línguas (por exemplo, Samoana e Tonga), encontra-se uma forma diminutiva do pronome de primeira pessoa singular que historicamente foi derivado de uma forma no plural, que pode ser usado para induzir a empatia e marcar autodepreciação (há também artigos especiais com o mesmo significado). Alega também que, em línguas que não fornecem estes recursos paradigmáticos, possuem pronomes que podem igualmente conter esses sentidos por meio do afeto.

Segundo o autor, processos lexicais como sinédoque e metonímia estão frequentemente envolvidos na manipulação dos significados afetivos; da mesma forma, outros processos metafóricos possuem dimensões afetivas.

Besnier (1990) ainda afirma que os falantes expressam suas emoções por meio da fala que, por sua vez, é inseparável dos atos sociais, ou seja, do contexto que engloba as situações em que ela é proferida. E ainda considera que

em alguns contextos culturais, as emoções são conceituadas como eventos internos; tal é o caso da classe média contemporânea da sociedade americana. Em outros lugares, indivíduos "sofrem" sensações emocionais; em Samoana, por exemplo, o experimentador de certas emoções frequentemente é codificado como um modificador locativo denotando emoção no verbo, em vez de seu sujeito gramatical; o mesmo padrão é atestado em Iídiche e Kaluli (cf. Talmy, 1985). Claramente, as formas preferidas de falar de emoções e vida emocional oferecem oportunidades ricas para explorações das categorias de base e observação normativa que lhes estão associados. (BESNIER, 1990: p. 423. *Tradução nossa*).

E, por fim, Besnier (1990), destaca que, em muitas culturas, as falas em que há processos emocionais estão repletas de metáforas. E algumas áreas marginais do vocabulário de muitas línguas, como ideofones e onomatopeias, são ricas em significado afetivo.

Na próxima seção serão apresentados os procedimentos metodológicos usados neste dissertação.

1.4 Procedimentos metodológicos

Para a elaboração deste trabalho, primeiramente, construímos o *corpus* de pesquisa com base nas informações contidas em Facundes (2000). Foi feito um levantamento das situações gramaticais do Apurinã que carecem de um estudo discursivo. A partir dessa verificação, elencamos três itens para trabalhar nesta pesquisa; são eles, um elemento morfológico e duas categorias de palavras, pronomes e partículas discursivas.

Com o objetivo de ordenar as ocorrências dos elementos pesquisados, utilizamos quatro textos interlinearizados no programa computacional FLE⁷ (*Fieldworks Language Explorer*), alguns coletados em duas viagens de campo e outros presentes no livro didático de conversação intitulado *Amu asākirewata pupŷkary sākire*⁸, como podemos ver na tabela a seguir, a qual também apresenta as referências para os respectivos textos que serão usadas no decorrer da dissertação:

⁷ O FLE^x é um programa computacional de distribuição gratuita desenvolvido pelo *Summer Institute of Linguistics*.

⁸ Vieira et al. (2015). Material composto por 12 lições que apresentam textos em forma de diálogos, noções gramaticais da língua e informações antropológicas. Este livro ainda foi publicado.

Quadro 04: referências para os textos usados como *corpus*

Texto	Gênero	Referência
<i>Kema Sytukata</i>	Narrativo	TN01
<i>Awaãï</i>	Narrativo	TN02
<i>Marary</i>	Narrativo	TN03
<i>Awiri</i>	Procedural	TP01
<i>Katarukyry</i>	Procedural	TP02
<i>Artesanato</i>	Procedural	TP03
Coletânea de textos presentes no livro <i>Amu asãkirewata pupÿkary sãkire</i>	Diálogo	TD01

1.4.1 Pesquisa de campo

A primeira viagem de campo, em que foi coletada parte dos dados presentes neste trabalho, foi realizada em abril de 2015, na cidade de Lábrea, interior do estado do Amazonas. No período da viagem foi realizado um seminário da língua Apurinã, organizado por Facundes em parceria com as instituições FOCIMP (Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus), CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e FUNAI, entre outras. O seminário foi destinado a toda comunidade Apurinã, mas especialmente aos professores da língua indígena. O mesmo foi apresentado pelo professor Sidney Facundes e sua equipe⁹ e contou com uma numerosa participação de índios Apurinã vindos de várias regiões do Purus. Nessa ocasião foi apresentado o livro de conversação, já mencionado acima, e discutidos os métodos do ensino na utilização do referido material.

O evento proporcionou um momento oportuno para a coleta de dados da pesquisa, uma vez que na fase de elaboração das atividades didáticas que auxiliaram a apresentação dos conteúdos da língua Apurinã, presentes nas unidades do livro, foram solicitados alguns colaboradores Apurinã para ajudar com informações sobre a língua, assim como para testar

⁹ Equipe composta por, além de Facundes, Laíse Barros, Marília Freitas, Patrícia Nascimento, Bruna Padovani e Bianca Rodrigues.

algumas dessas atividades que visavam o destaque dos elementos da língua em estudo. Durante esse trabalho, surgiram várias oportunidades de realizar a pesquisa, pois, coincidentemente, alguns dos itens abordados nesta dissertação estão diretamente relacionados com as unidades do livro didático como, por exemplo, as partículas discursivas e os pronomes pessoais.

Do mesmo modo, durante as apresentações do seminário, surgiam comentários que nos ajudaram a entender melhor a língua, principalmente nos momentos das resoluções das atividades didáticas que eram solicitadas aos Apurinã. Esse era o momento mais significativo para a obtenção dos dados da pesquisa, uma vez que os falantes da língua discutiam a melhor maneira de apresentar os resultados das atividades solicitadas e isso nos permitia perguntar ou questionar informações sobre determinados elementos da língua, e, assim, surgiam, espontaneamente, vários enunciados por parte dos Apurinã, que depois foram explorados durante o seminário e que contribuíram sobremaneira para os nossos resultados de pesquisa.

Concluído o seminário, dedicamos nossa atenção aos dados já coletados antes e durante o evento, assim como, realizamos a coleta de outros materiais mais específicos à pesquisa. Nesta fase da viagem de campo, ainda contamos com a ajuda de vários colaboradores apurinã que permaneceram na cidade e nos forneceram materiais dos quais somam-se enunciados elicitados, textos narrativos, relatos, entre outros.

A segunda viagem de campo foi realizada em dezembro de 2015 e, desta vez, o destino foi a região do baixo Purus, mais precisamente na cidade de Tapauá (AM) e na aldeia Terra Nova. A viagem foi dividida em dois momentos, primeiramente nos dedicamos à oficina de ensino da língua Apurinã realizada em Tapauá, no período de 08 a 11 de dezembro, e tivemos como público os professores apurinã que ministram aula no ensino regular nas aldeias da região. A oficina foi apresentada pela equipe¹⁰ de pesquisa dirigida pelo professor Sidney e, para a realização da mesma, contou com o apoio do CIMI, FOCIMP, UFPA, UFAM, entre outros órgãos.

Após o término da oficina, dirigimo-nos para a aldeia Terra Nova, onde permanecemos por uma semana, este constitui o segundo momento da viagem. Durante o período em que ficamos na aldeia, tivemos a oportunidade de realizar uma coleta de dados mais detalhada, organizarmos os dados obtidos durante a oficina, fizemos transcrições de textos com o apoio do falante, o que possibilitou uma avaliação das hipóteses de pesquisa e da confirmação de

¹⁰ A equipe de pesquisa foi a mesma da primeira viagem, com exceção de Marília Freitas que esteve ausente. E desta vez a equipe contou com a participação da antropóloga Pirjo Kristiina Virtanen.

alguns dados. Este período da viagem foi fundamental, pois obtivemos registros que enriqueceram esta dissertação. Além disso, foi um momento oportuno de vivência da cultura apurinã, uma vez que participamos ativamente do cotidiano da aldeia.

1.4.2 Coleta e tratamento dos dados

Durante a pesquisa de campo foram coletados diversos enunciados, uns em forma de diálogos, outros por meio de elicitación direta, algumas histórias tradicionais, assim como, também, alguns textos narrativos, a partir de um contexto criado como estímulo, como imagem em quadrinhos, por exemplo, e, ainda, por meio de tradução na língua Apurinã partindo de um texto em Português. Além desses, também foram coletados alguns relatos de vida e textos sobre a confecção de artesanato.

Esse material foi obtido com a ajuda de vários colaboradores apurinã, durante as oficinas e, principalmente, com dez colaboradores com os quais foi realizado um trabalho de pesquisa mais detalhado; destes, seis com idade acima de 55 anos e quatro com idade entre 24 e 40 anos, e pertencentes a comunidades distintas.

Tanto os textos quanto os enunciados foram transcritos por meio do programa ELAN¹¹. Nesta fase, foi imprescindível o auxílio de três dos colaboradores, Santos, Raimundo Nonato ou Norá, como gosta de ser chamado e Arivaldo, que forneceram os dados para pesquisa e que, neste momento, realizaram um trabalho mais sistemático, auxiliando as transcrições na língua Apurinã, e, do mesmo modo, fornecendo a tradução para o português. Após as transcrições, foi elaborada uma listagem contendo as situações de ocorrências dos elementos pesquisados. A seguir observamos uma imagem contendo um dos textos narrativos transcritos no programa ELAN.

¹¹ O ELAN é um programa de distribuição gratuita desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*.

Figura 2: Transcrição de texto oral no programa ELAN.

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajudar

Grade Texto Legenda Lexicon Comments Reconhecedores Metadados Controles

Transcrição

ynerymane ywa hápa-eã · Marary inhikapuã yãtapu · ywa takary awiri katsupary ywa sykapuã ynerumanemunhi · · · · · ynerymane hátynuka yтары há
nytatuku pitxa · · · · ywa uerekary makynhika iia tu-ty, yrãka, irary, ykynypuku bicho ywaã takata · · · yтарыxi iia yuereka iia iuerekanu · nypyra nytu kuna äpyr
· ixukanhiary e nypyranhitsu kypa pynhika? · · · · awiri katsupary · nynuwa ynyrumane amanamary ykyne ysykapu ykukytabxi · · awiri yky awekana nynuwa y
ynhikatypykuã nhipukury inhikapu yaryãkynuka yãta · **áí katsupary inhikasaaky ywákane ywa Marary amapuata katsupary** · ereka kimati-rawata ynyrymane e aty
apuka maneratãny ywaky ypusupe katsupary kimitinhi awiri bxakaty merury piximatary iia · · apyrytaãky yataka ixinakããmuta ytakaãmuta · ynyrymane nama äk
puturyka iia Marary kaminhary · eree yтары atuku ywa yтары yahi-ky nuka yãta · nipukury inhikinhi ywa ukapebxi · ywa Marary nhikakããne nipukury ywa nhipuku
ãaky nynuwa ytakapuãta · · · · manhity ywa ukatary manhity · ywa apuãtasaaky yтары apuãtapeka · äanypranhity iia kinha (porque?) pukatary manhity ibxa
pukinhi iia manhity iia · äna nyтары nypyra aynuru nynu unhikinhi i-kapane · ·-ikura Marary · ikinhinhiã katana nyiumã papa iia · atteneka iia katana nyiumã pa
ykyekuta iumanape ywa yтары sary · soo ssoooo soooo háaa ykara atamatape manhity iia ywa ytukaãabuta · atuku ywa ai-kãna ywa akryтары sosos sosos · ys
pymai-ka · ykyraãtä pymai-ka ykyrãtä pypmyrãata ibxa · ymatakaputa tuky · ywa kabaka ywa muti-kapu wata saiamary matbaka puwata i-bika yтары · ywa
pyтары · kuna nanu manhitybxi iia kuna iia pyтарыxi pukapu wata · uwa bxapatakya · kuna pyxiapata haky inhiasaaky nukakatai iia · áí pykymytapuka era mar

00:04:51.290 Seleção: 00:04:51.290 - 00:05:00.960 9670

história-Marary_... 1.000 00:04:51.000 00:04:52.000 00:04:53.000 00:04:54.000 00:04:55.000 00:04:56.000 00:04:57.000 00

Ref [0]

Transcrição [125] áí katsupary inhikasaaky ywákane ywa Marary amapuata katsupary

Tradução [113] Marary ajuntava muito katsupary e comia

Além dos textos coletados nas viagens de campo de abril e de dezembro de 2015, igualmente fazem parte do *corpus* de análise desta dissertação os textos presentes no livro didático, mencionado anteriormente, e os textos interlinearizados no programa FLE_x. Estes textos correspondem a duas narrativas e dois textos procedurais que possuem uma boa análise armazenada no FLE_x, o que nos auxiliou na observação e listagens dos elementos de pesquisa. A seguir temos uma figura que ilustra um texto interlinearizado do programa FLE_x.

Figura 3: Texto interlinearizado no programa FLEx

The screenshot displays the FLEx software interface. The main window is titled 'Texto' and shows the following content:

Textos & Words (Left Panel):

- Textos Interlinearizados
- Concordância
- Complex Concordance
- Concordância da Lista das P.
- Análise das Palavras
- Formas de Palavra de Edição
- Statistics

Textos (Middle Panel):

- Título: Kema sytukata
- Exibir Tudo
- Awaa
- Enunciados (projeto do
- ikaratukura itxa awini at
- katarukyry
- Kema sytukata

Texto (Right Panel):

Título: Kema sytukata
Por: A antar e a moça

Info | Fundamental | Glosa | Analisar | Etiquetas | Visualizar Impressão | Quadro de Textos

Info. Gram. Lex. ??? PRON nfp PRON nfp vt caçar, procurar, buscar v.aux ??? PRON
Glosa da palavra depois mãe dela pai dela
Cat. da Palavra Ptc.Temp n n vt

Livre Mas tarde a mãe dela e o pai dela procuram por ela.

10 Palavra nhaüpa usypery ?
Morfemas nhaüpa u= sy =pe =ry
Entradas Lex. nhaüpa u= sa =pe =ry
Glosa Lex. onde 3F ir PFTV 3M.O
Info. Gram. Lex. ADV PRON vip ??? PRON
Glosa da palavra onde ela foi
Cat. da Palavra q vi

Livre Para onde ela foi?k

11 Palavra ynytaruna
Morfemas y= nyta =ru =na
Entradas Lex. y= nyta =ru =na
Glosa Lex. 3M caçar, procurar, buscar 3F.O 3PI
Info. Gram. Lex. PRON vt PRON PRON
Glosa da palavra procuraram
Cat. da Palavra vt

Livre Procuraram,

12 Palavra ynytaruna
Morfemas y= nyta =ru =na
Entradas Lex. y= nyta =ru =na
Glosa Lex. 3M caçar, procurar, buscar 3F.O 3PI
Info. Gram. Lex. PRON vt PRON PRON
Glosa da palavra procuraram
Cat. da Palavra vt

Livre procuraram,

1.5 Estrutura do trabalho

Este trabalho é composto por três capítulos, além das considerações iniciais, capítulo I, e da conclusão.

No capítulo II, são descritos os usos associados à marca morfológica *=nhi*, que tem, por função expressar as noções de empatia, marca de “finado” e de pena ou solidariedade. Estas funções estão agregadas ao caráter emotivo, por esta razão, estabelecemos uma comparação com estudos da morfologia avaliativa com base em Bauer (1997), Grandi e Körtvélyessy (2013) e Di Garbo (2013) e com o estudo sobre língua e afetividade de Besnier (1990).

O capítulo III é dedicado um estudo aos pronomes pessoais do Apurinã, buscando estabelecer um entendimento sobre a escolha do falante entre as formas dependentes e independentes destes pronomes que possuem a função de denotar o *sujeito/possuidor* e *objeto*. Observamos o comportamento destes pronomes nos textos e traçamos um perfil de uso dos mesmos por meio do ponto de vista discursivo.

No capítulo IV, apresentamos uma descrição das partículas discursivas com base em Facundes (2000) e analisamos o comportamento das mesmas presentes nos textos da língua com o intuito de compreender quais funções estão associadas aos seus usos.

E, por fim, a conclusão, presente nas considerações finais, que apresenta uma espécie de síntese dos capítulos anteriores; nela, fazemos uma retomada aos elementos da língua Apurinã estudados neste trabalho, assim como nos principais resultados e como eles compartilham entre si de informações e propriedades de cunho pragmático-discursivo e esclarecem, ao menos parcialmente, usos até então obscuros na descrição e análise da língua Apurinã.

CAPÍTULO II: A MARCA MORFOLÓGICA =NHI

Neste capítulo, apresentamos uma contribuição para a descrição do morfema =*nhi* da língua Apurinã. Para tanto, buscamos descrever o morfema com base nos domínios da semântica e pragmática e faremos uma sucinta alusão aos pressupostos da morfologia avaliativa, com base em Bauer (1997), Grandi e Körtvélyessy (2013) e Di Garbo (2013) e aos estudos sobre língua e afeto de Besnier (1990).

Na gramática do Apurinã, por Facundes (2000), há uma análise preliminar sobre o morfema =*nhi*, descrito como uma possível marca do papel semântico de paciente do sintagma nominal (argumento do verbo) no qual ele é empregado. Segundo Facundes, a marca morfológica pode anexar-se a bases nominais, pronominais ou a bases de verbos intransitivos.

Observamos, a seguir, alguns exemplos da língua Apurinã extraídos do texto narrativo *kema sytukata*¹² e de enunciados obtidos por meio de elicitación e conversas espontâneas.

(5)

- a) *y-imataperu* *uwa* *hātaku-ru-nhi*
 3.SG.M- copular-PFTV- 3SG.F 3.SG.F jovem -3.SG.F - AFET
 ‘ela (anta) havia copulado com ela (a jovem)’
- b) *iie* *ypyryry-ta* *txa-pe-ry* *ywa* *kema-nhi* *ūtanyri-nhi*
 DEM cacetar-VBLZ AUX-PFTV-3M. 3.SG.M anta-AFET esposo-3.SG.F-AFET
 ‘Cacetaram a coitada da anta’
- c) *ywa*, *kema* *hākery* *inhinhã*, *uwa-nhi* *u-awākytek-inhi-ry*
 3.SG.M anta filho então 3.SG.F-AFET 3.SG.F-dar à luz- GER- 3.SG.M
 ‘A coitada parindo o filho da anta’
- d) *Inhinhã*, *arywatxa* *ywa* *kema* *hākery* *iie* *uka* *txa-pe-ru* *uwa*
 assim pois é 3.SG.M anta filho DEM matar AUX-PFTV-3.SG.F 3.SG.F
Hātaku-ru-nhi
 jovem-3.SG.F-AFET
 ‘Assim, ele, o filho da anta matou a coitada da moça’.

¹² No próximo capítulo apresentaremos um resumo da referida história tradicional.

e) *Ywa kyky ketapy-ry* *ãkiti-nhi*
 3.SG.M homem atirar-3.SG.M onça-AFET
 ‘O homem atirou na onça’

f) *N-atukyri-nhi* *ikietary* *awiri*.
 1.SG-avô-finado cheirar-3.SG.M rapé
 ‘Meu finado avô cheirava rapé’

Os exemplos (5.a, b, c, e d), trechos da narrativa *kema sytukata*, apresentam usos distintos do morfema =*nhi*. Os trechos mostram alguns acontecimentos após o sequestro da jovem moça apurinã, realizado por uma anta, isto é, a cópula entre a anta e a jovem, a vingança dos parentes ao encontrarem o animal, e, por fim, o parto e morte da jovem. Ao observarmos os exemplos, percebemos que é claro que a jovem (*ãtakuru*) e a anta (*kema*) são marcadas como sofredoras (pacientes) de determinadas ações. Isso motivou Facundes (2000) descrever =*nhi* como marca do papel semântico de paciente. Por outro lado, é compreensível, também, uma certa sensibilidade por parte de quem narra a história, que demonstra compaixão, principalmente com a jovem, vítima das ações da anta. Isso aparece na tradução para o português com o uso do termo "coitada". Do mesmo modo, em (5.e) e (5.f) o morfema =*nhi* denota o sofredor e a marca de finado, respectivamente. Assim, o referido morfema aparenta possuir mais de um único sentido: um semântico, outro pragmático.

Como dito no início deste capítulo, Facundes (2000) considerou o morfema =*nhi* como um marcador de afetação e como um indicador do papel semântico do verbo. No entanto, uma análise da função real desse morfema em termos de papéis semânticos, como observado nos exemplos acima, não contempla todos os seus usos. Quando esse morfema marca uma certa perspectiva do falante em relação ao elemento referido pelo sintagma nominal marcado por =*nhi*, envolve não simplesmente o significado desse sintagma nominal na sentença, mas um aspecto subjetivo do falante, portanto uma informação do tipo pragmático. Mais adiante, tentaremos ver como é possível apresentar uma análise coerente deste morfema que dê conta de ambos os significados, semânticos e pragmáticos.

Veremos, na próxima seção, a descrição da distribuição do morfema =*nhi* na estrutura das palavras em Apurinã e, em seguida, serão mostrados os vários usos e funções associados a esse morfema.

2.1 A distribuição de =*nhi* em Apurinã

O morfema =*nhi* ocupa a posição final na estrutura de palavras do Apurinã, ocorrendo somente com pronomes (6a-b) e nomes (6c-f) da língua. Neste sentido, esse morfema tem, como escopo, não a palavra, mas sim todo o sintagma nominal, portanto, comportando-se como um elemento clítico.

(6)

- *Ocorrência com pronomes*

a) *Ywa-nhi* *suuwaka-pe-wa*.
3SG.M- AFET cortar-PFTV-REFLX
'Ele se cortou'.

b) *Ywa-nhi* *uka-pe-wa*.
3SG.M-AFET matar-PFTV-REFLX
'Ele se matou'.

- *Ocorrência com nomes*

c) *Sytu-nhi* *ipỹ-pe*
mulher-AFET ferir-PFTV
'A mulher está ferida'.

d) *N-atukyri-nhi* *ikieta-ry* *awiri*.
1SG-avô-AFET cheirar-3SG.M rapé
'Meu finado avô cheirava rapé'.

e) *Pupỹkary-nhi* *kakaru-pe*.
índio-AFET ferir-PFTV
'O índio está ferido'

f) *Paraka-nhi* *iri-pe*
casa-AFET cair-PFTV
'A casa caiu'

2.2 Os usos e funções do =*nhi*

Como os dados acima já sugeriram e os demais dados abaixo demonstrarão, a marca morfológica =*nhi* tem as seguintes funções: marcar o sofredor ou resultado de uma ação; outra

voltada para a marcação de finado; e por fim, uma para expressar o sentimento de pena, dó ou solidariedade.

Para denotar alguém que sofreu ou é resultado de ação, o =*nhi* se junta aos termos sintáticos - sujeitos e objetos - no interior da frase. Já que a ocorrência de =*nhi* é fundamentalmente típica de nomes, como já mencionado anteriormente, observamos tal ocorrência dividindo-a em duas partes, primeiramente com os sujeitos e depois com os objetos. Com relação aos sujeitos, o morfema aparece com sujeito reflexivo e com sujeito paciente, sendo este animado ou inanimado. Já com os objetos, o =*nhi* ocorre como objetos pacientes animados/inanimados tanto de verbos transitivos quanto de verbos intransitivos.

Em relação ao uso de =*nhi* com o sujeito, não houve ocorrência de =*nhi* marcando sujeito agente de um verbo transitivo a não ser que este verbo expresse uma voz reflexiva. Deste modo, o sujeito, simultaneamente, cometendo e recebendo a ação, terá a companhia do morfema marcando o sofredor da ação, como podemos observar nos exemplos (6a-b), mostrados anteriormente, mas também ilustrados no exemplo (7) a seguir:

(7)

a) *Ywa-nhi* *suuwaka-pe-wa*.

3SG.M- AFET cortar-PFTV-REFLX

‘Ele se cortou’.

b) *Ywanhi* *uka-pe-wa*.

3SG.M-AFET matar – PFTV – REFLX.

‘Ele se matou’.

c) *Amarinhi-nhi* *ypãākaka*

criança-AFET bater

‘A criança se bateu’.

d) *Anāpanhi* *ywa-nhika* *akytsaka-pe-wa*

cachorro-AFET 3SG.M-comer morder-PFTV-REFLX

‘O cachorro se mordeu’.

Entretanto, quando o sujeito intransitivo é paciente, tanto animado como inanimado, a ocorrência do =*nhi* corre com mais frequência, como mostram os exemplos (8a-g). Do mesmo

modo ocorre com os objetos (animados e inanimados), como podemos observam em (8h-m), a seguir.

(8)

- *Com sujeito paciente animado.*

a) *Kyky-nhi* *ipỹpe*
homem-AFET machucar-PFTV
'O homem está machucado'.

b) *Pupỹkari-nhi* *iripe*
índio-AFET cair-PFTV
'O índio caiu'.

c) *Ãkiti-nhi* *ipỹpe*
Onça-AFET morrer-PFTV
'A onça morreu'.

- *Com sujeito paciente inanimado*

d) *Paraka-nhi* *iripe*
casa-AFET cair-PFTV
'A casa caiu'.

e) *Ny-takari-nhi* *ipỹpe*
1SG-planta-AFET morre-PFTV
'Minha planta morreu'.

f) *Ny-kupiti-nhi* *ipaãpe*.
1SG-pote-AFET quebrar-PFTV
'Meu pote quebrou'.

g) *Ny-kupiti-nhi* *irepe*.
1SG-pote-AFET cair-PFTV
'Meu pote caiu'.

- Com objeto paciente animado

h) *Ywa kyky ketapy-ry ākiti-nhi.*
 3SG.M homem atirar-3SG.M onça-AFET
 ‘O homem atirou na onça’.

i) *Aamana pytēkapere kyky-nhi*
 árvore matar homem-AFET
 ‘A árvore matou o homem’.

j) *kyky kyatapere hāty kyky-nhi ywa ukapere ywa-nhi*
 homem atirar um homem-AFET 3.SG.M matar 3.SG.M-AFET
 ‘O homem atirou em outro homem e ele o matou’.

l) *kamatinanere amarinhi natxi uka-pe-kyti-nhi*
 “coitada” criança fome morrer-PFTV-ontem-AFET
 ‘coitada da criança que morreu de fome’

- Com objeto paciente inanimado

m) *Amarinhi kapyrinhi-ka-pe-ry mekutxinhi*
 criança quebrar-ÊNF-PFTV-3.SG.M remo-AFET
 ‘O menino quebrou o remo’.

Além do uso como marcado do argumento afetado pela ação, o morfema =*nhi* é usado também para dar o sentido de “finado” na língua, portanto, indicando alguém como já falecido, como mostram os exemplos em (9):

(9)

a) *Itxa-ka-ta kerywaku ywa Awãĩ-nhi kanawa-te ywātāi*
 dizer-ÊNF-VBLZ o que é 3.SG.M Awãĩ-AFET canoa-POSSD então

ywaã-mukary-kanu uwa xirĩ-pe-ka-ta.
 aí; então-meta-? 3.SG.F baixo-PFTV-ÊNF-VLBZ
 ‘A canoa do finhado Awãĩ disse, e ela foi pra lá, baixando o rio’

- b) *Na-tukyri-nhi imata-ry ixipuãt-inhi.*
 1SG-avô-AFET gostar-3SG.M cantar-GER
 ‘Meu finado avô gostava de cantar’.
- c) *Na-tukyri-nhi kama-ry katarukyry*
 1SG-avô-AFET fazer-3.SG.M farinha
 ‘Meu finado avô fazia farinha’.
- d) *Na-tukyri-nhi ikieta-ry awiri*
 1SG-avô-AFET cheirar-3.SG.M rapé
 ‘Meu finado avô cheirava rapé’.
- e) *Raimundi-nhi kariwa puião putxika-ry kãkỹte iapuku*
 Raimundo-AFET não.índio muito visitar-3.SG.M povo casa
 ‘O finado Raimundo visitava muito as comunidades dos Apurinã’.

Finalmente, o último uso atestado para =*nhi* diz respeito à atitude do falante, na qual há o sentimento de dó ou solidariedade, sua empatia com relação a algo já mencionado. Os exemplos em (10) mostram essas ocorrências:

(10)

- a) *Kamatinari-nhi kyky imã-ã-ta-pe*
 coitado-AFET homem colocar-água-VBLZ-PFTV
 ‘O coitado do homem caiu na água’
- b) *Uwa-piti-nhi sytu awakykary amarinho*
 ela-muito-AFET mulher parir criança
 ‘Acoitada da mulher finalmente teve a criança’
- c) *kamatinanere amarinho natxi uka-pe-kyti-nhi*
 coitada criança fome morrer-PFTV-ontem-AFET
 ‘Coitada da criança que morreu de fome’.
- d) *Kamatinari-nhi pupỹkary ketapeẽka*
 coitado-AFET índio tiro
 ‘O coitado do índio levou um tiro’

- e) *Anãpa uka-pe-ry* *ny-pyrã-nhi* *wawatu.*
 cachorro matar-PFTV-3.SG.M 1SG-criação-AFET papagaio
 ‘O cachorro matou meu pobre papagaio’

Tendo identificado esses três usos do morfema =*nhi*, marcando o indivíduo afetado pela ação, alguém já falecido (finado), ou um sentimento de dó ou pena na perspectiva do locutor, perguntamo-nos o que eles têm em comum. A resposta é que os dois primeiros indicam um posicionamento psicológico do locutor em relação ao argumento marcado por =*nhi*. O grau em que algo ou alguém é afetado em um evento pode variar, ao menos em parte, dependendo de como o evento é percebido pelo locutor; e, certamente, a noção de dó e pena está completamente ligada à subjetividade desse mesmo locutor. Resta, então, explicar como chamar alguém de "finado" pode depender da subjetividade do locutor. A explicação para isso, a própria estrutura da língua se encarrega de oferecer: estruturalmente, a presença de =*nhi* é sempre opcional. Portanto, o falante opta por usar ou não a marca morfológica dependendo do seu apreço em relação ao elemento afetado expresso no enunciado, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(11)

- | | |
|--|--|
| <p>a) <i>Kupiti pataka</i>
 pote quebrar
 ‘O pote quebrou’</p> | <p>b) <u><i>Ny-kupiti-nhi</i></u> <i>pataka-pe-ka</i>
 1.SG-pote-AFET quebrar-PFTV-ÊNF
 ‘Meu pote quebrou’</p> |
|--|--|

Nos exemplos (11a-b) fica evidente que a escolha do uso do morfema =*nhi* expressa o sentimento do falante em relação a um determinado objeto, neste caso um pote. Em (11a) por se tratar de um pote qualquer, não há a marca morfológica, diferentemente do exemplo (11b) em que o pote quebrado pertenceria ao falante, pelo qual ele teria um certo apreço. Esta expressão de empatia contida no uso do =*nhi* foi inicialmente constatada por meio de conversas com uma colaboradora durante a uma sessão de elicitación de dados. Na ocasião, nos referíamos a um homem que teria sofrido um acidente. A colaboradora informou que poderia dizer em Apurinã das seguintes maneiras: *kykynhi kurĩã* (*kyky kurĩã*. [homem morrer] ‘o homem morreu’) para referir-se a homem desconhecido e *kykynhi kurĩã* (*kyky-nhi kurĩ-ã*. [homem-AFET morrer] ‘o homem morreu’) para referir-se a alguém conhecido com quem convive cotidianamente, um membro da comunidade ou familiar, entre outros, por quem se teria um sentimento de afeto.

Tendo identificado os três usos de *=nhi* em Apurinã, podemos, aqui, notar que Taylor (2010) aponta em Baniwa, língua também pertencente à família Aruák, um morfema que pode ser associado a um sintagma nominal, ao qual esse morfema dá o *status* de ‘caduco’. Trata-se de *-mi*, morfema que exprime algo que deixou de existir, que já não funciona e não é mais válido. E menciona, para efeito de exemplificação, que um termo utilizado para se referir a uma canoa que tenha sido queimada ou perdida, levará obrigatoriamente o *-mi*. O autor diz, ainda, que o referido morfema pode ser reconhecido, em Baniwa, em algumas lexicalizações como em: *iñaimi* ‘demônio’ (*iñai*, espírito da mata antropófago, possivelmente um defunto vítima de uma guerra entre tribos) *héeñami* ‘roça abandonada’.

Este mesmo morfema foi, também, atestado por Ramirez (2001), também em Baniwa, e classificado como sufixo nominal detrimental, já que o mesmo apresenta um valor separativo. Por exemplo, nomes para expressar algo como o galho da árvore desprendido, farelo de tapioca no fundo do saco, entre outros, terão, em sua estrutura, a presença de *-mi*. Segundo o autor, o sufixo é frequente em termos de parentesco para indicar que o possuidor está morto, como em: *Peduqu iitumi* ‘filha do finado Pedro’. Desta forma, de acordo com Ramirez (2001), o *-mi* é utilizado sempre que a relação possuidor-possuído for quebrada, ou seja, quando há a separação entre os elementos, ou a morte de um dos dois. Assim, o autor conclui que o sufixo é a marca ideal para o abandono, o deteriorado, o velho, o caduco ou o morto. Na acepção de denotar a noção de ‘finado’ *-mi* e *=nhi* são morfemas que compartilham a mesma base semântica, semelhanças atribuídas ao fato de Baniwa e Apurinã serem línguas pertencentes à mesma família (Aruák), levando-nos a crer que tais formas sejam cognatos nas duas línguas.

2.3 A linguagem e o caráter afetivo: *=nhi* e a teoria linguística

A relação entre a linguagem e as emoções transmitidas pelos falantes no momento da fala, que ajuda a estabelecer sentido, está presente nos postulados funcionalistas. No entanto, seguir as orientações de uma gramática descritiva funcional não foi suficiente para entender os vários usos do morfema em estudo por meio da visão estritamente gramatical. A gramática, tipicamente, é vista como associada a alguns domínios semânticos que não incluem atitudes ou emoções. Desta forma, buscamos contribuição em mais dois campos da linguística para guiar nossas análises, o pragmático e o discursivo. Ambos voltados para as formas e intenções de usos dos elementos linguísticos.

A descrição e a análise dos usos e funções do morfema *=nhi* indicam que algumas formas gramaticais só podem ser entendidas completamente se forem estudadas por meio da

análise de suas funções no contexto discursivo e que os usos dessas formas podem estar associados, inclusive, a textos que se encaixam em tipos diferentes de discursos (BIBER, CONRAD e REPPEN 1998). No caso do =*nhi*, ficou claro o papel da empatia do locutor na escolha de usar ou não esse morfema. Sendo assim, consideramos importante examinar alguns estudos que apresentam a descrição linguística levando em consideração aspectos de caráter subjetivo.

Sobre a expressão do caráter emotivo na linguagem, Besnier (1990, p. 419) afirma que a noção de sentido linguístico apresentada por Lyons (1977) está ligada a três componentes: o sentido descritivo, o sentido social e o sentido expressivo (afetivo ou emocional), este último representando a fala ou a escrita emocional, humor, disposição e atitudes voltadas para o contentamento de mensagens e o contexto comunicativo. Os sentidos afetivos são vistos em codificações das emoções da fala, em que o interlocutor decodifica as mensagens verbais que são precedentes da intencionalidade, de propriedades individuais, (BESNIER, 1990, p. 420).

Este autor mostra que, em algumas línguas, como Samoana¹³ e Tonga¹⁴, encontra-se uma forma diminutiva de um determinado pronome em primeira pessoa que pode ser usado para induzir a empatia e marcar também a autodepreciação. E ainda afirma que, em Samoana, o experienciador de emoções frequentemente é decodificado com um modificador locativo atrelado ao verbo, em vez de se agregar ao sujeito gramatical; o mesmo padrão é atestado em Iídiche e Kaluli, esta última é uma das línguas faladas na Papua Nova Guiné (cf. Talmy, 1985). Já em Apurinã, a marca morfológica =*nhi* é fixada ao sujeito ou ao objeto, como veremos mais à frente.

Segundo Besnier (1990), línguas que não apresentam variados recursos pragmáticos possuem elementos (como pronomes e artigos, por exemplo) que podem, igualmente, conter os sentidos de empatia e de depreciação, mencionados acima. Estes sentidos são geralmente transmitidos por meio do afeto.

O referido autor ainda afirma que processos lexicais como sinédoque e metonímia estão frequentemente envolvidos na manipulação dos significados afetivos. Da mesma forma, outros processos metafóricos possuem dimensões afetivas, pois, em muitas culturas, as falas em que há processos emocionais estão repletas de metáforas. E algumas áreas marginais do

¹³ Língua oficial de Samoa.

¹⁴ É uma língua polinésia falada no reino de Tonga e outros países como: Zâmbia, Zimbábue e Moçambique.

vocabulário de muitas línguas, como ideofones e onomatopeias, são ricas em significado afetivo. Por fim, destaca que os falantes expressam suas emoções por meio da fala que, por sua vez, é inseparável dos atos sociais, ou seja, do contexto que engloba as situações em que ela é proferida. Essas noções de intencionalidade, empatia, mencionadas por Besnier, são perfeitamente compatíveis às funções do morfema *=nhi* da língua Apurinã.

Bauer (1997) fala sobre a morfologia de avaliação como afixos que estão ligados às noções de aumentativo e diminutivo, entretanto, “não exclusivamente ligados às dimensões de tamanho, mas também às conotações emocionais que expressam aprovação e afetividade ou desaprovação e pejoração”; ou seja, além de discriminar tamanho, “algumas línguas manifestam emoção através de expressões de intensificação, polidez ou modéstia por meio dos mesmos afixos usados para designar o aumentativo e diminutivo” (BAUER, 1997, *tradução nossa*). Com base na caracterização dada por Bauer, *=nhi* parece constituir um exemplo de morfologia avaliativa.

De acordo com Grandi e Körtvélyessy (2013), o nível semântico-funcional é o ponto de partida mais promissor para se estabelecer uma definição geral da morfologia de avaliação. Se atentarmos para funções linguísticas ligadas às construções de avaliação, podemos estabelecer duas classes, a descritiva e a qualitativa. A primeira avaliando de acordo com as características reais do objeto (tamanho, forma, etc.) e a segunda conforme os sentimentos do falante em relação ao item avaliado. Deste modo,

a avaliação descritiva baseia-se em propriedades reais e objetivas de um determinado item; já a avaliação qualitativa assume propriedades de uma avaliação subjetiva: sentimentos pessoais ou opiniões, e a influência do contexto extralinguístico torna-se o parâmetro crucial, ou seja, a avaliação qualitativa é uma interpretação e voltada ao nível do discurso (GRANDI e KORTVELYESSY 2013, *tradução nossa*).

A seguir, observamos dois exemplos¹⁵ que ilustram as afirmações sobre a morfologia avaliativa mencionada acima.

(12)

a) <i>tavol-ino tavolo</i>	<i>tavol-one</i>	(italiano)
mesa -DIM mesa	mesa-AUM	
'mesa pequena' mesa	'mesa grande'	

¹⁵ Os exemplos em (12) são encontrados em Grandi e Körtvélyessy (2013). (*Traduções e adaptações nossas*)

b) Expressão de posição social	(grego moderno)
<i>ypallil(os)-akos</i>	<i>ypallil(os)-ara</i>
empregado – DIM	empregado-AUM
‘um empregado sem importância’	‘um empregado importante’
c) Desprezo	(italiano)
<i>govern(o)-icchio</i>	<i>dottor (e)-ino</i>
governo-PEJ	médico-DIM
‘governo muito ruim’	‘médico não profissional’

No exemplo (12a) fica evidente que se trata de uma avaliação descritiva, por apresentar as formas físicas do objeto avaliado. Diferentemente, se observamos nos exemplos seguintes, (12b) e (12c), trata-se de uma avaliação qualitativa, uma vez que observamos a empatia, o sentimento do falante ao item posto em avaliação. Se levarmos em consideração a distinção entre morfologia avaliativa descritiva e morfologia avaliativa qualitativa, claramente =*nhi* se encaixa na segunda classe.

2.4 Conclusão

Originalmente, o =*nhi* foi descrito como marca de finado, no entanto, nesta dissertação foram apresentados outros sentidos para o uso do referido morfema. Dessa forma, é necessária, ainda, uma pesquisa histórico-comparativa sobre o =*nhi*, o que não faz parte do escopo deste trabalho que é mais descritivo, tipológico e sincrônico.

Como observado, o morfema =*nhi* foi apresentado, tanto a sua distribuição nas classes das palavras em Apurinã, como os seus usos e suas funções no discurso. Quanto ao aspecto morfossintático, ele ocupa a posição final na estrutura das palavras e ocorre somente com pronomes e nomes. No que diz respeito ao aspecto semântico, pragmático-discursivo, o referido morfema denota três noções de sentido em Apurinã: sofredor de uma ação, a noção de finado, já atestadas por Facundes (2000), e a expressão de solidariedade, empatia do falante sobre um fato apresentado no momento da fala.

Estes sentidos que envolvem o morfema estão diretamente relacionados à individualidade do falante, pois há a manifestação de um sentimento e, assim, torna-se presente a intenção do mesmo, a emoção e sensibilidade transmitidas por meio do discurso, como afirma Paltridge (2006, p. 02).

No próximo capítulo é dada a atenção para os pronomes da língua Apurinã.

CAPÍTULO III: PRONOMES EM APURINÃ

Neste capítulo centralizamos a pesquisa nos pronomes pessoais do Apurinã. Concisamente, apresentamos uma definição para pronomes, sobretudo, pronomes pessoais em suas formas independentes (livres) ou dependentes (presas), e em seguida exibimos uma explanação a respeito dessa categoria na língua Apurinã, mostrando propriedades que vão além de suas funções gramaticais, sob o olhar do domínio pragmático-discursivo. A ideia é verificar a frequência de uso e comportamento das formas pronominais dependentes e independentes em diferentes tipos de textos e com diferentes funções (relação gramatical e pessoa gramatical) de maneira a identificar possíveis fatores que motivem as escolhas entre esses dois tipos de formas pronominais.

3.1 Definição de pronome

Pronome é um termo linguístico comum a diversas línguas, geralmente definido como pertencente às “classes fechadas” de palavra e usado para substituir um nome ou um sintagma nominal.

Vários teóricos desconsideram essa definição, Bhat (2004) manifesta essa discordância ao afirmar que a definição de pronome como “correspondente ao nome” torna-se problemática, uma vez que, exceto os pronomes pessoais, alguns pronomes, como os demonstrativos ou interrogativos, não são voltados somente para nomes, mas também para adjetivos, advérbios e até mesmo verbos.

Desta maneira, segundo o mesmo autor, torna-se difícil considerar uma característica comum a todos os tipos pronominais, da mesma forma que é impossível formular uma definição a ser aplicada a todos os pronomes. No entanto, para se chegar a um conceito, Bhat (2004) estabelece uma distinção dividindo os pronomes em duas categorias: pronomes pessoais (para os de primeira e segunda pessoa) e proforma (para a terceira pessoa). A diferença fundamental entre a terceira pessoa, a primeira e a segunda deriva principalmente do fato de que somente a primeira e a segunda pessoa denotam indivíduos que participam de fato do ato de fala, como afirma Lyons (1977, *apud* VIOLA, 2015:11).

Outros autores vão considerar a referência feita pelos pronomes aos atos de fala por meio de uma categoria definidora, trata-se de categoria denominada “shifters” que segundo Jepsen (1922, *apud* VIOLA, 2015:10) é a propriedade de ter um significado que difere de

acordo com a situação. A exemplo, os pronomes de primeira e segunda pessoa além de apresentarem informações relacionadas a seus referentes e também possuem a função de denotar os papéis discursivos dos participantes do ato de fala, de acordo com Bhat (2004). Além dos pronomes pessoais, nomes comuns e indicadores dêiticos como pronomes demonstrativos ou os advérbios de tempo (hoje, ontem, agora) também possuem a característica de serem “shifters”, segundo Viola (2015).

A esse respeito, Cysouw (2003, *apud* VIOLA, 2015:10), considera os pronomes pessoais como “shifters” especializados, já que apenas funcionam para se referir aos participantes dos atos de fala.

Siewierska (2004 *apud* VIOLA, 2015:12) também considera a primeira e segunda pessoa como pertencentes a “shifters” por razão de suas funções inerentemente dêiticas, e quanto à terceira pessoa, a autora afirma que é essencialmente uma expressão anafórica, podendo ser usada deiticamente, porém cujo uso mais comum é como elemento anafórico. A interpretação da terceira pessoa, segundo a autora, dependerá do contexto linguístico do enunciado, ou seja, o referente da terceira pessoa é tipicamente estabelecido pelo discurso precedente ou, em outros casos, pelo discurso que segue em terceira pessoa.

Portanto, conclui-se que os pronomes não constituem uma classe unitária de palavras e que os pronomes pessoais se diferenciam dos demais pronomes, formando uma categoria própria, o que vem justificar o seu estudo separado dos outros pronomes (VIOLA, 2015: 8).

3.2 Os pronomes da língua Apurinã

O Apurinã apresenta formas pronominais dependentes e independentes. As formas dependentes foram descritas por Facundes (2000) como membros da classe dos morfemas flutuantes, isto é, morfemas especiais que apresentam algumas propriedades reminiscentes de clíticos. Por causa destas propriedades, o autor tratou as formas pronominais do Apurinã como elementos proclíticos e enclíticos. Adiante veremos como eles se ordenam nesta subdivisão, pois é necessário conhecermos a lista dos pronomes pessoais do Apurinã, a qual é mostrada na Tabela 01, juntamente com suas respectivas propriedades¹⁶.

¹⁶ Esta tabela foi adaptada de Facundes (2000; 2004), apresentando as formas variantes e as atualizações da ortografia da língua.

Tabela 01: Pronomes dependentes vs. Pronomes independentes

Número, Gênero e Pessoa	Formas Pronominais Pessoais		
	Pronomes Independentes	Pronomes Dependentes	
	Sujeito/possuidor/Objeto	Sujeito/Possuidor	Objeto
1 SG	<i>nuta</i>	<i>ny-; n-; nhi-; nỹ-</i>	<i>-ru</i>
2SG	<i>pithe</i>	<i>py-; p-; pi-; pỹ-</i>	<i>-i</i>
3M.SG	<i>ywa</i>	<i>y-; i-; ø; ỹ-</i>	<i>-ry</i>
3F.SG	<i>uwa</i>	<i>u-; ã-</i>	<i>-ru</i>
1PL	<i>atha</i>	<i>a-; ã-</i>	<i>-wa</i>
2PL	<i>hỹtha</i>	<i>hy-; h-; hỹ-</i>	<i>-i</i>
3M.PL	<i>ynawa</i> ¹⁷	<i>y-...-na; i-...-na; ỹ-...-na</i>	<i>-ry</i>
3F.PL	<i>unawa</i>	<i>u-...-na; ã-...-na</i>	<i>-ru</i>

Fonte: Facundes (2004)

As formas pronominais quando em forma proclítica e independente, compartilham duas de suas funções sintáticas, pois possuem a função de sujeito e denotam o possuidor, mas divergem quanto à função de objeto; ou seja, os pronomes independentes podem funcionar como sujeito em uma oração, porém, como objeto em outra; os dependentes proclíticos, por sua vez, não podem funcionar como objeto, pois essa função sintática é restrita aos dependentes enclíticos. Assim, de acordo com Facundes (2004), os pronomes independentes e proclíticos compartilham a maior parte das funções gramaticais codificadas, já os enclíticos compartilham menos dessas propriedades. A tabela 2 a seguir apresenta as formas pronominais.

¹⁷ Este pronome possui outras formas, dependendo das variações de fala do Apurinã, além de *ynawa*, também são encontrados *ynuwa*, *ynawa*, *nynuwa*. Os mesmos não coocorrem, pois cada forma é específica a uma determinada variedade da língua, de acordo com Facundes (2000).

Tabela 02: Formas pronominais e suas funções gramaticais

<i>Pronomes Independentes</i>	<i>Proclíticos</i>	<i>Enclíticos</i>
pessoa	pessoa	pessoa
gênero (3a. pessoa)	gênero (3a. pessoa)	gênero (3a. pessoa)
número	número	número
sujeito	sujeito	-----
possuidor	possuidor	-----
objeto	-----	objeto

Fonte: Facundes, 2004.

Segundo Facundes (2000), quando os pronomes independentes ocorrem após o verbo, estabelecem uma concordância com o verbo por meio dos marcadores correferenciais de sujeito e objeto. Os exemplos¹⁸ abaixo ilustram a correferencialidade voltada ao sujeito, no que diz respeito ao objeto, veremos no exemplo (16) adiante.

(13)

- a) *Nhi-nhipuku-ta* *nuta*
 1SG.S-comer-VBLZ 1SG
 ‘Eu comi’
- b) *Pi-nhipuku-ta* *pithe*
 2SG.S-comer-VBLZ 2SG
 ‘Você comeu’
- c) *U-nhipuku-ta* *uwa*
 3SG.F.S-comer-VBLZ 3SG.F
 ‘Ela comeu’
- d) *I-nhipuku-ta* *ywa*
 3SG.M.S-comer-VBLZ 3SG.M
 ‘Ele comeu’

¹⁸ Facundes (2000, p. 346-347, tradução nossa).

- | | | |
|----|---|---------------------|
| e) | <i>A-nhipuku-ta</i>
1PL.S-comer-VBLZ
'Nós comemos' | <i>atha</i>
1PL |
| f) | <i>Hĩ-nhipuku-ta</i>
2PL.S-comer-VBLZ
'Vocês comeram' | <i>hỹtha</i>
2PL |
| g) | <i>I-nhipuku-ta</i>
3PL.M.S-comer-VBLZ
'Eles comeram' | <i>ynawa</i>
3PL |

Assim como os pronomes independentes, há em Apurinã um conjunto de pronomes dependentes que compartilham com os independentes a função de sujeito/possuidor e de objeto. Os pronomes dependentes, quando exprimem o sujeito ou possuidor, estão atrelados a nomes e quando exprimem o objeto, estão junto do verbo. Os dados abaixo exemplificam o uso dos referidos pronomes tanto como sujeito/possuidor quanto como objeto:

Em (14a-c), pronome independente aparece em posição preverbal, enquanto em (15a-c), a forma pronominal dependente aparece presa ao verbo. Em ambos os casos, tais formas pronominais expressam o elemento possuído.

(14)

- a) *nuta aiku-te*
1SG house-POSSD
'minha casa'
- b) *pithe kywy-te*
2SG cabeça-POSSD
'sua cabeça'
- c) *ywa aiku-te*
3SG.M casa-POSSED
'casa dele'

(15)

- a) *Ny-aiku-te*
1SG-casa-POSSD
'minha casa'
- b) *py-kywy-te*
1SG-cabeça-POSSD
'Minha cabeça'
- c) *y-aiku-te*
3SG.M-cabeça-POSSD
'casa dele'

Em (16a-e), ambas as formas pronominais proclíticas e enclíticas aparecem presas ao verbo, e os pronomes independentes coocorrem em posição preverbal, e são correferenciais ao elemento proclítico pronominal.

(16)

- | | | |
|----|--|---------------------|
| a) | <i>N-etama-ta-i</i>
1SG.S-ver-VBLZ-2SG.O
'Eu vi você' | <i>pithe</i>
2SG |
| b) | <i>P-etama-ta-nu</i>
2SG.S-ver-VBLZ-1SG.O
'Você me viu' | <i>nuta</i>
1SG |
| c) | <i>Ø-etama-ta-ru</i>
3SG.M.S-ver-VBLZ-3SG.F.O
'Ele a viu' | <i>uwa</i>
3SG.F |
| d) | <i>Ã-ãtama-ta-i</i>
1PL.S-ver-VBLZ-2PL.O
'Nós vimos vocês' | <i>hÿtha</i>
2PL |
| e) | <i>H-ãtama-ta-ru/ry</i>
2PL.S-ver-VBLZ-3PL.F.O/3PL.M.O
'Vocês os/as viram' | <i>ynawa</i>
3PL |

Os pronomes independentes podem substituir construções nominais funcionando como sujeito, objeto ou possuidor, conforme exemplos¹⁹ que seguem. Em (17a-b), *hãtakuru* é a forma nominal que funciona como sujeito, e que é substituída pela forma pronominal *uwa* em (17c-d):

(17)

- | | | | |
|----|-----------------------------|--|----------------------------|
| a) | <i>Hãtaku-ru</i>
jovem-F | <i>ymaka-nany-ta</i>
dormir-PROG-VBLZ | |
| | 'A menina está dormindo' | | |
| b) | <i>Hãtaku-ru</i>
jovem-F | <i>ynyru</i>
mãe | <i>iri-pe</i>
cair-PFTV |

¹⁹Exemplos de Facundes (2000, p.350, tradução nossa).

‘A mãe da menina caiu’

- c) *Uwa ymaka-nany-ta*
 3SG.F dormer-PROG-VBLZ
 ‘Ela está dormindo’
- d) *Uwa ynyru iri-pe*
 3SG.F mãe cair-PFTV
 ‘A mãe dela caiu’

Após informações sobre a descrição morfosintática dos pronomes pessoais do Apurinã, partiremos na próxima seção para as observações destes pronomes em um agrupamento de textos da língua em estudo.

3.3 Análise das formas pronominais pessoais nos textos do Apurinã

A análise presente nesta seção aprofunda aquela apresentada em Souza e Facundes (2012), porém, exclusivamente sobre os pronomes pessoais. Estes autores fazem um levantamento das classes de palavras presentes em quatro textos²⁰ por meio da metodologia da linguística de *corpus* e estabelecem preliminarmente uma distinção entre os textos analisados classificando-os como procedurais e narrativos.

No entanto, no levantamento da classe pronominal, a diferença dos usos das formas dependentes e independentes não são discriminadas. Buscamos neste capítulo apresentar os resultados preliminares da investigação dos usos destas formas, especialmente para denotar as funções de sujeito/possuidor e objeto.

Para construir as análises dos pronomes na língua Apurinã, elegemos quatro textos interlinearizados no programa FLE_x e um agrupamento de doze textos construídos em formas de diálogos, presentes em Vieira et al. (2015) e produzidos por Raimundo Nonato Apurinã (*Txiupyrÿry*), um falante nativo da língua, com base nas interações verbais do dia-a-dia das comunidades Apurinã. Os textos contidos no FLE_x são classificados, de acordo com Souza e Facundes (2012), como narrativas, que contemplam em sua estrutura um início, problema, resolução e finalização, e procedurais, que envolvem diferentes gêneros, como instruções, receitas, entre outros, e possui um organização pautada em passos apresentados

²⁰ Os mesmos textos são abordados nesta presente pesquisa.

sequencialmente. Antes de partirmos para as análises, apresentamos uma síntese dos textos que constituem o *corpus* da análise.

Primeiramente apresentamos um breve resumo do enredo do texto *kema sytukata*. Este texto trata-se de uma narrativa tradicional do povo Apurinã e apresenta uma jovem apurinã que é sequestrada por uma anta. Esse acontecimento se dá quando a jovem está colhendo uxi na companhia de sua mãe. No momento em que ela se afasta de sua mãe, a anta a sequestra e a leva para o interior da mata com o intuito de fazer dela sua esposa. A partir de então, inicia-se uma busca pela jovem por parte de seus parentes. Estes a encontram sentada num tronco de árvore com a anta ao seu lado. Os parentes da jovem matam a anta a flechada e a cacetada. Nesta ocasião, os Apurinã perceberam que a jovem estava grávida da anta. Um fato aparentemente inusitado nessa parte da narrativa diz respeito à atitude dos parentes em levar de volta consigo o pênis da anta para aldeia, membro que mais tarde se tornaria o causador da morte de uma velhina que varria a casa onde esse membro se encontrava. E, finalmente, a narrativa termina quando a jovem morre durante o parto por não conseguir dar à luz ao filho da anta.

A narrativa pode ser dividida em quatro momentos pontuados por ações bem definidas, primeiramente o sequestro da jovem; em seguida a busca da jovem culminando na morte da anta; a morte da velhinha causada pelo pênis da anta e, por último, a morte da jovem no momento do parto. Vejamos a seguir trechos que ilustram estes quatro momentos da narrativa.

Ref. 6 *Iie uwa u-sy-ka-sawaky aũkyta txa-ry iie kema*
 DEM 3.SG.F 3.SG.F-ir-PRED-tempo procurar AUX-3.SG.M.O DEM anta
 ‘Ela então foi procurar essa anta’.

Ref. 7 *Upusu ywa kema anhika txa-pe-ru hãtakuru*
 depois 3.SG.M anta levar embora AUX-PFTV-3.SG.F.O moça

ĩ-tany-ru-t-inhi-ru nere
 3.SG.M-cônjuge-VBLZ-GER-3.SG.F.O vontade;determinação
 ‘Aí a anta levou a moça para ser esposa dela’.

Ref. 37. *Upusu iie ynawa asike-tikinhi-ta ã-ĩãkynỹ-ã*
 depois DEM 3.PL.M seguir-atrás-VBLZ 3.SG.M-rastro-LOC
 ‘Então eles seguiram o rastro dela’.

Ref. 38. *Apuka txa-ru iie kerywaku uwa hãtakuru*
 chegar.em AUX-3.SG.F DEM o.que.é? 3.SG.F moça.
 ‘Acharam a moça’.

Ref. 47. *Iie ypyryry-ta txa-pe-ry ywa kema-nhi*
 DEM cacetar-VBLZ AUX-PFTV-3.SG.M.O 3.SG.M anta-AFET

ũ-tany-ri-nhi
 3.SG.F-cônjuge-3.SG.M-AFET
 ‘Cacetaram a coitada da anta’.

Ref. 80 *Uwa-nhi ywa kema pitxi uka-pe*
 3.SG.F-AFET 3.SG.M anta pênis matar-PFTV
 ‘O pênis da anta matou a coitada’.

Ref. 90 *Ywa, kema hãke-ry inhinhã, uwa-nhi u-awãkytek-inhi-ry*
 3.SG.M anta filho-3.SG.M.O então, 3.SG.F-AFET 3.SG.F-da a luz-GER-
 3.SG.M.O
 ‘A coitada o parindo, o filho da anta’.

Ref. 94 *Inhinhã, ary-watxa ywa kema hãke-ry iie uka txa-pe-ru*
 então, sim-agora 3.SG.M anta filho-3.SG.M DEM matar AUX-PFTV-3.SG.F
uwa hãtaku-ru-nhi
 3.SG.F moça-3.SG.F-AFET
 ‘Assim, ele, o filho da anta matou a coitada da moça’.

O segundo texto também é uma narrativa tradicional dos Apurinã. Nele é retratada uma viagem feita pelo pajé *Awãĩ* até a terra de seus parentes *Utsamanery*. No decorrer da viagem ele se depara com alguns seres, como o chefe dos *Joari* e o chefe dos morcegos que, de certa maneira, vão configurar um desafio para o viajante. *Awãĩ* consegue passar por estes seres tomando o seu rapé, sugerido por sua canoa. A propósito, a canoa se comunica com *Awãĩ*; há na narrativa alguns diálogos entre estas duas personagens. Durante a viagem *Awãĩ* também se depara com a presença de alimentos como um cacho de bananas deixado pelos *Utsamanery* e uma ata encontrada às margens do rio. O viajante percebe que está próximo da terra dos parentes ao ouvir o som dos *Utsamanery* brincando peteca, então *Awãĩ* vai ao encontro deles.

Awãĩ é avistado primeiramente pelas mulheres que se dirigem ao porto para tomar banho. O viajante desceu da canoa, tomou rapé, passou pelo chefe dos gaviões que é animal de

estimação dos *Utsamanery*, e foi até a casa do avô *Utsamanery*. Este busca saber se o viajante é realmente o *Awãĩ* (essa é uma prática comum entre os Apurinã, inclusive faz parte de um dos rituais da festa tradicional *kyynyry*) e este, uma vez identificado, o avô pergunta por seus parentes e *Awãĩ* alega ser o único restante. O avô também faz *Awãĩ* se casar com uma das mulheres que o viram chegar.

Durante a estadia junto aos *Utsamanery*, *Awãĩ* descobre que a terra onde ele se encontrava era diferente da sua, e isso acontece quando a sua sogra lhe pede patuá e ele fica sabendo que patuá e índio são a mesma coisa; o índio depois de morto torna-se patuá. *Awãĩ* passou três anos na companhia dos *Utsamanery*, tomando vinho de patuá e comendo *katsupary*. Quando já estava sentindo muita saudade de sua família e sua terra, ele resolveu retornar à sua aldeia, porém o seu novo sogro lhe disse que ele não deveria demorar lá porque a morte poderia chegar. *Awãĩ* partiu rumo a sua terra e na chegada os seus parentes fizeram uma festa em comemoração que acabou durando dois dias. *Awãĩ* já estava pronto juntamente com sua mulher e seus filhos para voltar à terra dos *Utsamanery* mas adoeceu e acabou morrendo. Somente a canoa retornou à terra dos *Utsamanery*. A seguir, alguns trechos desta narrativa.

Ref. 4 *Ary-watxa kai iie kerywaku Utsamanery-mu Awãĩ*
 sim-hoje;agora lá DEM o.que.é? Utsamanery-meta Awãĩ
xiri-pe-ka-ta
 baixar rio-PFTV-ÊNF-VBLZ
 ‘Pronto, Awãĩ baixou lá para o Utsamanery’.

Ref. 120 *Iie Utsamanery kiumane, iie Awãĩ wera-ĩka p-ytyma*
 DEM Utsamanery ancião DEM Awãĩ lá-novamente 2.SG-fica
txa-ka-ta-ry, iie kery Awãĩ.
 AUX-ÊNF-VBLZ-3.SG.M.O DEM o.que... Awãĩ.
 ‘O avô do utsamanery disse: fica de pé Awãĩ.’

Além das duas narrativas, também analisamos a ocorrência dos pronomes nos textos TP01 e TP02, classificados como textos procedurais. No primeiro é mostrado o modo de preparo do rapé e no segundo o da farinha. Vejamos, como forma de ilustração, alguns trechos dos referidos textos, primeiramente do texto TP01 e em seguida do TP02.

Trechos do texto TP01:

Ref. 01 *I-kara-tuku-ra* *i-txa* *awiri* *atha kam-inhi*
 ?-assim-igual-FOC 3.SG.M-AUX rapé 1.PL fazer-GER
 ‘É assim que nós fazemos rapé’.

Ref. 10 *Atha ywaïka taka* *txa-ry*
 1.PL aí colocar AUX-3.SG.M.O
 ‘Aí nós a colocamos’.

Ref. 11 *Upusu i-xamyna* *teny-puku taka* *txa-ry*
 depois ?-lenha;fogo seio-beira colocar AUX-3.SG.M.O
 ‘Depois o colocamos na beira do fogo’.

Trechos do texto TP02:

Ref. 6 *Atha iutika-xiti-ka-ta* *txa*
 1.PL queimar-chão;terra-ÊNF-VBLZ AUX
 ‘Queimamos a área brocada’.

Ref. 28 *Ywãïkane atha* *taka-ny-ry,* *kumyry-pe*
 então 1.PL colocar-novamente-3.SG.M.O mandioca-massa;polpa

iië *takatary-ã*
 DEM alguidar-LOC
 ‘Então, nós colocamos a farinha no alguidar’.

E por fim, como mencionado no início desta seção, verificamos a ocorrência dos pronomes pessoais do Apurinã nos textos presentes em Vieira et al. (2015). A imagem a seguir exemplifica um dos textos contidos no referente livro.

Figura 04: Trecho do texto *Natukupa itxa wai pawinhiã?*

Natukupa itxa wai pawinhiã?

Txiakatxi: Natukupa itxa wai pawinhiã?
Como é a vida aqui onde você mora?

Kuriiaty: Nutamunhi erekary.
Pra mim, é bom.

Txiakatxi: Kiripa hĩkama ykynyũty?
O que vocês fazem no dia-a-dia de vocês?

Kuriiaty: Ii! Kaiãũry parĩkatxi
athamunhi. Ii! Tem muito trabalho pra nós!

Kuriiaty: Kinhakarypa parĩkatxi awa hĩthamunhi?
Que tipo de trabalho vocês fazem?

Kutxi atha kykyãkinhi akamary tukury, kumyry amapuruka, katarukyry akama, aũkatsaãta, ãaiata, atxa atha wai. Nós, os homens, fazemos o roçado, arrancamos a mandioca, fazemos a farinha, pescamos, caçamos... Tudo isso nós fazemos aqui.

Txiakatxi: Ywatuku kanera atxa atha ywaã. Lá pra nós, também é assim.
Tukury akama, katarukyry akama, aũkatsaãta, ãaiata, aiku akama, atxa apaka. Nós também fazemos roçado, farinha, pescamos, caçamos, fazemos casa, fazemos isso também.



Fonte: Vieira et al. (2015)

Após a contextualização, partimos agora para o exame da ocorrência dos pronomes em cada texto. Para tanto, elaboramos uma análise quantitativa das formas pronominais dependentes e independentes e estabelecemos algumas interpretações referentes às suas distintas ocorrências. A tabela 03 descreve o total das ocorrências dependentes e independentes.

Tabela 03: Ocorrência das formas pronominais por texto.

Texto	Dependentes	Independentes	Total de pronomes/texto
TN01	112 (73%)	42 (27%)	154
TN02	303 (75%)	103 (25%)	406

TP01	17 (45%)	21 (55%)	38
TP02	131 (66%)	68 (34%)	199
TD01	159 (75%)	53 (25%)	212
Total	722 (71.5%)	287 (28.5%)	1009

Observamos que a ocorrência das formas dependentes é superior a das formas independentes, exceto no texto TP01, ou seja, um pouco mais de 70% dos casos é das formas dependentes. A frequência predominante de uso da forma dependente indica que ela está mais associada às funções tópicas discursivas do que as formas livres. A exceção é o texto TP01, que corresponde a um texto procedural que descreve o preparo do rapé. Esse texto é relatado em primeira pessoa do plural (*atha* ‘nós’), o que ocorre pelo fato do narrador assumir a autoria do preparo do rapé, uma vez que é participante da cultura indígena Apurinã. Portanto, os resultados numéricos brutos das formas pronominais nos textos, sem considerar suas diferentes funções gramaticais, mostram que as formas dependentes são as mais recorrentes nos textos. Isso provavelmente deve-se à sua função no discurso de retomar a informação tópica nas frases.

Como foi brevemente mostrado no início deste capítulo, a função dos pronomes é codificar as funções de sujeito, possuidor e objeto. A Tabela 04 apresenta a frequência dos pronomes com as respectivas funções de *sujeito*, *possuidor* e *objeto* de acordo com categorias pronominais *dependentes* e *independentes* empregados em todos os textos analisados. Se olharmos a tabela, verticalmente teremos a frequência dos pronomes de acordo com as suas funções sintáticas: sujeito, possuidor, ou objeto no texto. Das 1009 formas pronominais encontradas nos textos, mais de 50% funcionam como sujeito. Porém, isso resulta do simples fato de que sujeito, em princípio, sempre ocorrerá nos textos com maior frequência do que as funções objeto ou possuidor. Toda sentença terá uma sujeito, em geral, mas não necessariamente objeto ou possuidor.

Tabela 04: Ocorrência dos tipos pronominais por função nos textos.

Texto	Sujeito		Possuidor		Objeto		Total	
	Dep.	Ind.	Dep.	Ind.	Dep.	Ind.	Dep.	Ind.
TN01	45 (54%)	38 (46%)	13 (87%)	2 (13%)	54 (96%)	2 (4%)	112 (73%)	42 (27%)
TP02	129 (56%)	103 (44%)	27 (100%)	-	147 (100%)	-	303 (75%)	103 (25%)
TP01	3 (12%)	21 (88%)	2 (100%)	-	12 (100%)	-	17 (45%)	21 (55%)
TP02	65 (49%)	68 (51%)	1 (100%)	-	65 (100%)	-	131 (66%)	68 (34%)
TLD01	93 (64%)	52 (26%)	21 (100%)	-	45 (98%)	1 (2%)	159 (75%)	53 (25%)
Total/ forma	335 (46.4%)	282 (27.9%)	64 (6.3%)	2 (0.2%)	190 (18.8%)	3 (0.3%)	722 (71.5%)	287 (28.5%)
Total/Geral	617 (61.1%)		66 (6.5%)		193 (19.1%)		1009	

Somente o texto TP01 apresenta o número superior nas ocorrências das formas independentes. Isto se dá pelo fato de o texto ser narrado na primeira pessoa do plural. O narrador, por assumir a autoria coletiva do procedimento descrito no texto, usa a primeira pessoa na forma pronominal independente, assim, realça o seu papel como representante do coletivo, da cultura da qual pertence e que inclui a prática de fazer o rapé.

Com relação à pessoa, verificamos que quase 70% das ocorrências é da terceira pessoa. Isso acontece devido à função prototípica de retomada de um referente no discurso, que é comumente exercido pela terceira pessoa. Muitos autores como Siewierska (2004 *apud* VIOLA, 2015:12), declaram que a terceira pessoa é essencialmente uma expressão anafórica.

Aferimos também que a segunda maior incidência se manifesta na primeira pessoa tornando a segunda pessoa a menos usada, como podemos observar na tabela 05.

Tabela 05 dos pronomes em relação a pessoa em todos os textos.

Texto	1ª	2ª	3ª	Total/texto
TN01	4 (0.4%)	-	150 (14.8%)	154 (15.3%)
TN02	59 (5.8%)	54 (5.3%)	293 (29%)	406 (40.2%)
TP01	21 (2.1%)	-	17 (1.7%)	38 (3.8%)
TP02	90 (8.9%)	3 (0.3%)	106 (10.5%)	199 (19.7%)
TLD01	86 (8.5%)	29 (2.8%)	113 (11.2%)	228 (22.5%)
Total/pessoa	260 (25.7%)	86 (8.5%)	679 (67.3%)	1009

Como mostra a Tabela 05, nos textos procedurais analisados, o uso da primeira pessoa é mais frequente e, como já mencionado anteriormente, os textos apresentam o modo como se dá o preparo do rapé, no texto TP01 e da farinha no TP02. Por essa razão, o relator do texto usa a primeira pessoa para que ele possa ser incluído, uma vez que é participante da cultura Apurinã e ambos os textos são tradicionais.

Depois da quantificação das ocorrências das formas pronominais do Apurinã, apresentamos na próxima seção, alguns comportamentos das formas pronominais nos enunciados dos textos analisados.

3.3.1 As ocorrências das formas pronominais nos enunciados dos textos.

Nesta seção demonstraremos de maneira pontual o modo como as formas pronominais aparecem nos enunciados dos textos analisados. Supomos que a disposição das mesmas nas sentenças estão, de certa maneira, condicionadas pela gramática da língua, assim como também, pelas implicações pragmático-discursivas. Trataremos primeiramente das formas independentes e em seguida as formas dependentes.

3.3.1.1 As ocorrências das formas pronominais independentes.

Com relação às formas pronominais independentes, mostraremos primeiro seus usos envolvendo as funções gramaticais, e posteriormente, as funções pragmático-discursivas.

Em Apurinã há três morfemas gramaticais cujo seu uso requer as formas pronominais independentes, em detrimento das dependentes. Tais morfemas são: *-ra* (foco), *=nhi* (afetado) e *-kata* (associativo). Apesar de serem formas gramaticais, esses morfemas expressam funções discursivo-pragmáticas ou semânticas.

Somente formas pronominais livres podem receber as marcas morfológicas de *foco*, *associativo* e *afetado*. Sendo o argumento do verbo expresso por uma forma pronominal na função de foco, afetado ou associativo, necessariamente esse argumento terá que ser expresso por uma forma pronominal independente. Com isso em mente, é necessário saber até que ponto a presença desses três morfemas marcando foco, afetado e associativo aparecem no texto e, assim, de que forma contribuem para o uso da forma pronominal independente em detrimento da forma pronominal dependente. Verificamos as ocorrências dessas três marcas nos quatro textos TN01, TN02, TP01, TP02 e TLD01. Com a computação das ocorrências, verificamos que, do total de 275 ocorrências das formas independentes atestados nos textos, 23, ou seja, apenas (8.9%), são condicionadas pela gramática da língua. A tabela a seguir demonstra as frequências de *=ra* (foco), *=nhi* (afetado) e *=kata* (associativo). Em seguida, os exemplos em (18) ilustram essas ocorrências nos textos:

Tabela 06: Ocorrência das formas pronominais com *=ra* (foco), *=nhi* (afetado), e *=kata* (associativo) nos textos analisados.

TEXTO	Forma Independente	FOCO	AFET.	ASSOC.
TN01	42 (15%)	2	2	1
TN02	103 (37,5%)	10	-	4
TP01	21 (8%)	-	-	1
TP02	68 (25%)	-	-	1

TLD01	40 (14,5%)	1	-	1
Total/Morfema	275	13 (5%)	2 (1%)	8 (3%)

(18)

a) *Ywa, kema hākery inhinhã, uwa=nhĩ u-awãkytek-inhi-ry*
 3.SG.M anta filho então 3.SG.F-AFET 3.SG.F-dar à luz- GER- 3.SG.M.O
 ‘A coitada parindo o filho da anta’.

b) *Uwa=nhĩ ywa kema pitxi uka-pe*
 3.SG.F-AFET 3.SG.M anta pênis matar-PFTV
 ‘O pênis da anta matou a coitada’.

c) *Uie, uwa-ra etapa-nu*
 DEM 3.SG.F-FOC ver-1.SG.O
 ‘Foi essa, foi essa que me viu chegar’.

d) *_Pithe=nhĩ Awãĩ?*
 2.SG-AFET Awãĩ
 ‘É tu que és o Awãĩ?’

_Ary, nuta-ra!
 Sim eu -FOC
 ‘Sim, sou eu.’

e) *Upusu ywa-kata sy-pe u-txa, u-txa hātaku-ru*
 depois 3.SG.M-ASSOC ir-PFTV 3.SG.F-AUX 3.SG.F-AUX jovem-3.SG.F
 ‘Livre Então ela foi com ela (a anta), ela, a moça’

f) *Ynawa kama-pe-ka ywa nhikitxi apuka-sawaky ywa, ywa-kata*
 3.PL.M fazer-PFTV-PRED 3.SG.M caça chegar-quando 3.SG.M 3.SG.M-ASSOC

ynawa nhika-ry kerywaku kumury
 3.PL.M comer-3.SG.M o.que.é beiju.
 ‘Quando a caça chegava, elas já tinham feito, aí comiam com... Como é mesmo? Beiju’.

Em relação às funções discursivas envolvidas nos usos das formas independentes, estas podem ocorrer para retomar o argumento já mencionado anteriormente no texto, ou seja, funcionando com a função anafórica. Em (21a) o pronome independente *ynawa* (3.PL.M ‘eles’) se refere aos caçadores a procura da moça que a anta havia sequestrado. O elemento ‘caçadores’ já havia sido introduzido três enunciados antes no texto, e é retomado em sequência pela forma *ynawa*. Em (21b-c) o elemento retomado é *hātakuru* (‘moça’) feito por meio do pronome *uwa*; os exemplos se referem ao momento em que a jovem encontra o pênis da anta, que os caçadores trouxeram depois de ter matado o animal, e o guardaram no canto da casa.

(21)

a) *Arywatxa ynawa uka txa-ry*
 pois.é 3.PL.M matar AUX-3.SG.M.O
 ‘Eles a haviam matado’.

b) *Uwa iie aputuyta txa-ry*
 3.SG.F DEM achar AUX-3.SG.M
 ‘Ela o achou’

c) *Uwa murũkamyta*
 3.SG.F guardar
 ‘Ela guardou’

Na próxima subseção demonstraremos os usos das formas pronominais dependentes.

3.3.1.2 As ocorrências das formas pronominais dependentes.

Os usos das formas pronominais dependentes estão diretamente relacionados ao sintagma nominal presente na estrutura das sentenças. O comportamento dessas formas pode dar-se da seguinte maneira: (i) a forma dependente pode vir atrelada ao sintagma nominal ou este, por sua vez, (ii) aparecer sem a presença da marca pronominal dependente, como mostram os exemplos (19). Como apresentado nos exemplos em (19), as ocorrências das formas dependentes podem estar presentes ou não na sentença. Em (19a) a forma dependente é manifestada no sintagma nominal *hātakurunhi* (*hātakuru-nhi*, jovem-3.SG.F-AFET) em decorrência da presença do afetado *=nhi*, já que esse morfema (como um elemento preso)

necessita de uma forma livre para lhe dar suporte fonológico, e essa forma livre necessariamente é um sintagma nominal. Já em (19b) a ocorrência da forma dependente se dá em virtude de ser usada na retomada do argumento apresentado nos enunciados anteriores. Em contraste, nos exemplos (19c-d) o sintagma nominal aparece sem a forma dependente. A ausência da forma dependente ocorre quando há a introdução de informações novas no discurso, pois os referentes expressos pelas expressões nominais livres (*kema* e *awiri*) aparecem pela primeira vez no texto.

(19)

a) *Y-imata-pe-ru* *uwa* *hātaku-ru=nhi*
 3.SG.M- copular-PFTV-3SG.F.O 3.SG.F jovem-3.SG.F-AFET
 ‘Ela havia copulado com ela’.

b) *Upusu kerywaku iie txarikaka u-txa-ry*
 depois o.que.é? DEM fazer.secar 3.SG.F.AUX-3.SG.M
 ‘Depois ela fica seca’.

c) *Ary iie kema iie nhikanany-ta-ry aũty*
 Sim DEM anta DEM comer-PFTV-3.SG.M uxi
 É, essa anta tava comendo uxi.

d) *Ikaratukura i-txa awiri atha kam-inhi*
 ser assim 3.SG.M rapé 1.SG fazer-GER
 ‘É assim que nós fazemos rapé’.

Além dessas duas maneiras descritas acima, as formas pronominais dependentes também podem ser usadas concomitantemente com as formas independentes. O exemplo (20a) contém as duas formas em uso, *-ru* e *uwa*. É provável que a presença redundante do pronome independente *uwa* seja uma forma de dar realce ao seu referente, nesse caso a moça que morre. Essa análise é reforçada pela presença da posição de *hātakurunhi* ‘moça’.

(20)

a) *Inhinhã, arywatxa ywa kema hākery iie uka txa-pe-ru uwa*
 assim pois.é 3.SG.M anta filho DEM matar AUX-PFTV-3F.O 3.SG.F
hātaku-ru=nhi.
 jovem-3.SG.F-AFET
 ‘Assim, ele, o filho da anta matou a coitada da moça’.

Por fim, é necessário dizer que o uso das formas pronominais do Apurinã no discurso apresentam funções discursivas distintas. As formas pronominais dependentes são usadas para retomar o tópico do discurso, enquanto que as formas pronominais independentes são usadas para retomar o que já foi sugerido anteriormente, e frequentemente associadas a ênfase ou realce do elemento tópico.

3.4 Conclusão

Neste terceiro capítulo apresentamos as ocorrências das formas pronominais pessoais do Apurinã, mostramos que em Apurinã há dois tipos de pronomes pessoais, os dependentes e os independentes, e descrevemos suas formas de denotar o sujeito, possuidor e objeto. A partir de então, construímos uma breve contextualização dos textos que foram o *corpus* de análise deste capítulo, e, em seguida, a verificação das ocorrências das distintas formas pronominais pessoais da língua. Do conjunto de textos analisados, constatamos que a ocorrência das formas dependentes é superior a das formas independentes, devido à função de indicar topicalidade; a terceira pessoa é a mais frequente na soma dos totais dos textos, o que explica-se devido a ela, e não a primeira ou segunda pessoa, de fato ter a função dêitica/anafórica. No que se refere aos diferentes modos com que as formas pronominais aparecem nas sentenças dos textos, há alguns casos em que a presença de um morfema exigirá o uso da forma independente, quando o argumento for pronominal, o que caracteriza um condicionador de ordem gramatical. Além disso, se pensarmos em uma escala de topicalidade, veremos que é a forma pronominal dependente, particularmente na terceira pessoa, que está associada à expressão dos argumentos tópicos no discurso, enquanto que a forma independente aparece mais quando o argumento expresso está em realce, ou sendo enfatizado de alguma forma. É possível que o comprimento fonológico (aqui chamado de “peso” fonológico) influencie a posição dos argumentos na sentença e, conseqüentemente, acabe por, indiretamente, influenciar no uso das formas dependentes. Como em Apurinã a presença de argumentos pós-verbais favorece a presença de formas pronominais dependentes correferenciais a esses argumentos, se formas longas são descoladas para essa posição, haverá o uso de formas pronominais dependentes. Essa hipótese, contudo, carece de suporte de uma análise mais detalhada e refinada da língua. Finalmente, nossa análise apenas arranha a superfície do fenômeno do uso das formas pronominais na língua, e aponta para a necessidade de uma pesquisa qualitativa muito mais aprofundada e detalhada desse fenômeno, muito além do escopo de um único capítulo de uma dissertação. O fenômeno de pronominalização não é

algo simples na língua, os fatores que condicionam os usos das formas dependentes e independentes são complexos e necessitam de um trabalho mais detalhado.

CAPÍTULO IV: PARTÍCULAS DISCURSIVAS

Neste capítulo apresentamos uma descrição das partículas discursivas do Apurinã, cuja descrição gramatical preliminar foi apresentada em Facundes (2000), e cujas funções e usos na língua não foram identificadas naquele trabalho.

4.1 As partículas discursivas do Apurinã

As partículas, segundo Haspelmath (2001), estão dentro da categoria de palavra que ele denominou de palavras de função. Fazem parte desta categoria preposições, conjunções e artigos. As partículas são pertencentes às classes fechadas que têm por função expressar um significado abstrato, ou, às vezes, nenhum sentido estritamente semântico, mas apenas uma função gramatical em construções específicas. As palavras desta classe possuem uma estrutura curta e ocorrem com grande frequência nos textos. Especificamente sobre partículas, Haspelmath (2001), afirma que são “um cesto de lixo” de palavras que não se encaixam em nenhuma categoria já estabelecida. Zwicky (1985, *apud* FACUNDES, 2000) alega que a partícula possui uma noção de ubiquidade na sintaxe. O uso mais comum desse termo é rotular itens que, em contraste com aqueles das classes de palavras estabelecidas de uma língua, tem (a) semântica própria e (b) distribuições específicas. Assim, para este autor, "partícula" é um termo de cobertura para itens que não se encaixam facilmente em generalizações sintáticas e semânticas sobre a língua.

A língua Apurinã contém uma variedade de partículas. Facundes (2000) apresentou a seguinte classificação: partículas adverbiais, subordinativas, de polaridade (negativas e positivas), exortativas e discursivas. Dentre essas partículas, daremos atenção somente às partículas discursivas presentes na língua em estudo.

As partículas discursivas são várias formas de palavras que são normalmente utilizadas para ligar diferentes pedaços de discurso (FACUNDES, 2000, p. 372). O autor faz a listagem das partículas discursivas do Apurinã e afirma que as funções exatas dessas formas não podem ser descritas sem que haja uma compreensão detalhada das estruturas discursivas da língua - o que não foi feito naquele trabalho. Com isso em mente, neste capítulo buscamos entender quais funções estão ligadas aos usos dessas partículas. Abaixo temos a lista das partículas discursivas proposta por Facundes (2000).

Tabela 07: As partículas discursivas do Apurinã segundo Facundes (2000)

FORMAS	GLOSAS APROXIMADAS
<i>Ane</i>	‘então, portanto’
<i>Arywatxa</i>	‘isto, isso’
<i>Anhinhĩã</i>	‘então, depois’
<i>Ateeneka</i>	‘está certo, tudo bem’
<i>Ary</i>	‘sim, certo’
<i>Ywaĩka</i>	‘portanto, então’
<i>Ywã</i>	‘então’
<i>Iie</i>	‘assim, então’
<i>Upusu</i>	‘então, depois’

Fonte: Facundes (2000) (*tradução nossa*)

A Tabela 09 demonstra o agrupamento das partículas discursivas do Apurinã presentes em Facundes (2000). No entanto, com a os dados obtidos nas duas viagens de campo feitas em 2015, houve uma ampliação deste repertório, uma vez que encontramos, dentre os textos coletados, palavras do Apurinã, como *atuku*, *ereka*, *erekapytykary*, *ĩkapane*, *ĩka*, *inekane*, *yusatuku*, e *ywasaaky/saaky*, que possuem a funcionalidade das partículas discursivas. Na tabela abaixo apresentamos o novo agrupamento das discursivas do Apurinã.

Tabela 08: As partículas discursivas do Apurinã

FORMAS	GLOSAS APROXIMADAS
<i>ane</i>	‘então, portanto’
<i>arywatxa</i>	‘isto, isso’
<i>ateeneka</i>	‘está bom, está certo, tudo bem’
<i>atuku</i>	‘depois’
<i>ary</i>	‘sim, certo’

<i>ereka</i>	‘depois’
<i>erekapytykary</i>	‘está bem’ ‘está certo’
<i>iiá/iie</i>	‘este’
<i>inhinhĩã</i>	‘então, sendo assim’
<i>ĩkapane</i>	‘com o propósito de’ ‘para’
<i>ĩka</i>	‘então’, ‘portanto’
<i>ĩnekane</i>	‘é verdade?’
<i>kutxi</i>	‘porque’
<i>ypusatuku</i>	‘depois’
<i>upusu</i>	‘depois’
<i>ywasaaky/saaky</i>	‘quando’ ‘enquanto’
<i>ywaĩka</i>	‘ali mesmo, portanto’
<i>ywaã</i>	‘então’ ‘portanto’

Como mostrado acima, houve um acréscimo na lista de palavras que apresentam o comportamento de partícula discursiva no Apurinã; porém, alguns termos distintos, como *inhinhĩã*, *ywaã* e *ĩka*, equivalem à ideia de conclusão, ou seja, apresentam a mesma carga semântica quando usado no discurso. É importante mencionar que dentre as partículas presentes na lista, há aquelas que são mais produtivas ou usadas com mais frequência. No decorrer deste capítulo, descreveremos o comportamento das partículas discursivas apurinã, seus usos e seus sentidos.

Para observarmos o aspecto pragmático-discursivo das partículas do Apurinã, mostraremos alguns trechos da história de Marary, uma narrativa tradicional dos Apurinã contada pelo colaborador Osvaldo, da aldeia Terra Nova no baixo Purus. O enredo da história apresenta um ser que se autoneameava ‘o chefe dos animais’ e de tudo o que existe. Marary não

permitia que nenhum Apurinã comesse qualquer animal ou mastigasse *katsupary*²¹, tomasse rapé entre outras práticas que fazem parte da cultura Apurinã, ele queria tudo para si. Caso alguém desobedecesse as ordens de Marary era punido com a morte. A seguir temos um breve resumo da referida narrativa.

Na época de Marary os apurinã comiam muito. Marary não comia e nem bebia nada; na verdade, ele comia apenas o *katsupary* e bebia o *kaisuma*²². Ele plantava o *awiri*²³ e *katsupary*, mas não dava para os parentes. Ele era o chefe dos animais. Ele tinha apenas um irmão, o Anhitu, e queria que este fosse igual a ele, que não comesse e nem bebesse nada, a não ser *katsupary* e *kaisuma*. Os parentes pediam para Marary os caroços de rapé e de *badú*, para cultivarem-nos, porém, Marary torrava os caroços e depois dava para os parentes; dessa forma, nunca germinava. Ele convidava os parentes para comer *katsupary*, colocava na boca dos parentes e dizia para eles não mastigarem; se alguém comesse, ele o matava. Um dia ele viu o irmão dele matar um veado então ficou bravo, pois não queria que nenhum animal fosse morto e armou uma armadilha para o irmão. Pediu que o Anhitu fosse buscar a caça e, assim, Marary acabou matando o irmão dele e levando para a mãe tratar como se fosse um veado. A mãe deles ficou indignada, mas Marary disse que se ela não parasse de chorar ele a matava também e mandou que assasse o fígado do irmão que ele ia comer. Porém, os Apurinã se vingaram de Marary: o deixaram dormir e depois entraram na caverna dele lutaram com ele e o mataram.

Observemos os trechos retirados da história de Marary, descrita no resumo acima.

(22)

- a) *Ereka kimatîra-wa-ta ynyrymane aty katsupary manhika katana.*
depois convidar-1.PL-VBLZ parentes ? katsupary comer amanhã

Ateeneka nyuwa ynyrymane

tá bom eles parentes

‘Depois convidou os parentes para no dia seguinte comer o badú amanhã. Tá bom, os parentes disseram.’

²¹ *Katsupary* (*badú* em outras línguas da região, como *Paumari*, *Jamamadí*, entre outras) é o nome da folha da coca específica que os Apurinã fazem a mastigação, com alguns outros ingredientes.

²² *Kaisuma* é o termo regional que os Apurinã usam em português para o vinho que eles fazem de frutas como bacaba, patoá, entre outros.

²³ *Awiri* conhecido também como rapé é o termo usado para o tabaco e também para o composto de pó feito a partir desta vegetação e utilizado para a inalação. O *awiri* é característico da cultura dos índios aruák. Estes três elementos da cultura Apurinã *Katsupary*, *Kaisuma* e *Awiri* são fundamentais no *kyynyry*, festa tradicional dos apurinã.

Ereka nyrymane apuka maneratãny ywa ky ypusu-pe
Depois parentes chegar ? ele IDF depois-PFTV

katsupary kimit-inhi awiri txakaty merury piximatory iia.
katsupary assar-GER rapé açúcar cinza pirarucú DEM
‘Depois os parentes chegam todos lá ele teve tudo pronto o badú assado, o rapé,
açúcar, pirarucú.’

- b) *Iia kytape py-sy-panhi-ku i-txa-nu*
DEM ? 2.SG-ir-IMPFTV-FUT 1.SG-AUX-1.SG
‘Aqui tu pode ir na hora q eu vou matar o veado’

Ateeneka

Ateeneka
‘Tá bom.’

- c) ***Atuku*** ywa aikãna ywa akryta-ry sosos sosos
depois 3.SG.M ? 3.SG.M chamar-3.SG.M IDF
‘Depois ele chamou de novo.’

- d) *Ãna n-ytary nypyry a-ynuru nyinu u-nhik-inhi ikapane*
não 1.SG-irmão irmão 1PL-mãe mãe 3.SG.F-comer-GER propósito
‘Não meu irmão, é pra nossa mãe comer’

Inhinhiã katana ny-iumā p-apa iia
então amanhã 1.SG-caça 2.SG-buscar DEM
‘Então amanhã você vai buscar a minha caça’

Ateeneka iia katana ny-iumā apa-ta-ku
tá bom DEM amanhã 1.SG-ir buscar-VBLZ-FUT
‘Tá bom, amanhã eu vou buscar a tua caça.’

- e) ***Ywasaaky*** txi ywa nhika-ta-ry y-tary-pane
aí IDF 3.SG.M comer-VBLZ-3.SG.M 3.SG.M-irmão-fígado
‘Aí ele comeu o fígado do irmão dele.’

- f) ***Ary ateeneka*** nãukyta-saaky ny-sãpyrataty-ka
Sim tá bom ?-quannndo 1.SG-contar-ÊNF
‘Sim tá bom, vou lhe dizer sim.’

- g) *Ytary uka-puwa-ta-ry*
irmão matar-grande-VBLZ-3.SG.M.O

‘ele matou o irmão’

Ateeneka *i-txa* *nynuwa* *huhum*
 Tá bom 3.SG-AUX 3.PL IDF
 ‘Tá bom eles dizem.’

Estes trechos ilustram a ocorrência das seguintes partículas: *ateeneka*, *ary*, *ikapane*, *ereka*, *atuku*, *inhinhã*, *ywasaaky*. No exemplo (22a) vimos que *ateeneka* aparece no segundo período com sentido/função de confirmação ou concordância, o mesmo podemos constatar em (22b-d, f e g), especialmente em (22f) *ateeneka* ocorre junto de *ary* que também possui a função de expressar confirmação. Atentando para as demais partículas que ocorrem nos trechos acima, notamos que *ikapane* apresenta a ideia de propósito em (22d). Em (22a e 22c) *ereka* e *atuku* aparecem como sequenciadores, respectivamente. E, por fim, em (22d) *inhinhã* traz um sentido de conclusão e em (22e) há uma ideia de temporalidade transmitida por meio de *ywasaaky*.

A partir da observação do compartimento das partículas ilustrado no trecho do texto acima, realizamos as análises nos outros textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. No caso das partículas que aparecem no texto que narra a história de Marary, por exemplo, concluímos que estas expressam, respectivamente, os seguintes sentidos: confirmação, finalidade, sequência, conclusão, temporalidade. Na próxima seção apresentaremos os dados que justificam a análise dessas e das demais partículas discursivas presentes na Tabela 10.

4.2 As funções das partículas no discurso

Para apresentar e detalhar as funções dos termos do Apurinã que funcionam como partículas discursivas, os mesmos foram divididos em seis grupos de acordo com suas acepções: concordância ou confirmação, temporalidade, sequência, justificativa, finalidade e conclusão.

4.2.1 Concordância e confirmação

Os termos *ary*, *ateeneka* e *erekapytykary* estabelecem a ideia de confirmação e/ou concordância entre os participantes do discurso. Além disso, estes termos promovem a interação entre os participantes no momento da conversa.

Os exemplos (22b, d-g), mostram o uso de *ateeneka* e (22f) de *ary*. Para ilustrar o uso de *erekapytykary* vejamos um fragmento em (23a) de um diálogo presente num texto presente em Vieira et al. (2015).

(23)

- a) *Txiakatxi ny-wāka. Kiripa wāka?*
 Txiakatxi 1.SG-nome qual nome
 ‘O meu nome é Txiakatxi. Qual é o seu nome?’

Txiupyryry ny-wāka.
 Txiupyryry 1.SG-nome
 ‘O meu nome é Txiupyryry’

Īka aymarutakaka-pe-ka. Nhi-thary pi-txa-wa.
 então conhecer-PFTV-ÊNF 1.SG-primo 2.SG.AUX-?
 ‘Então já nos conhecemos. Você é meu primo’

Ateeneka. Erekapytykary
 Tá certo muito bem
 ‘Tá certo. Muito bem!’

Ary, *ateeneka* e *erekapytykary*, que equivalem a expressões portuguesas como ‘sim’, ‘está bom’, ‘está bem’, ‘está certo’ e ‘muito bem’, são termos concordantes, ou seja, como dito anteriormente, expressam tanto a confirmação de algo quanto a concordância com alguma informação.

Estes termos estão presentes especialmente nos diálogos, em que se necessita da participação ativa dos interlocutores. Geralmente durante os relatos cotidianos, os Apurinã interagem de modo mais intenso, e essa interação se dá, sobremaneira, por meio da forma *ary*. E, quando há a necessidade de uma confirmação ou concordância mais expressiva, as formas *ateeneka* e *erekapytykary* são requisitadas, sendo a forma *ateeneka* a mais frequente, a qual é comum receber uma redução – *teeneka* - por ser inúmeras vezes empregadas durante a fala.

É importante ressaltar que a interação entre falantes, expressa acima, configura uma variedade discursiva peculiar. A mesma apresenta um discurso melódico, “cantado” no qual há a repetição da palavra-chave do enunciado proferido. Essa repetição se dá em entonação de pergunta e é feita pelo participante que recebe as informações, pedindo confirmação. Essa interação discursiva não é muito frequente na região do médio Purus em comparação com a região de Tapauá, no baixo Purus, em que essa interação é basicamente necessária,

principalmente na aldeia Terra Nova²⁴, local onde pudemos observar o discurso da região com mais detalhes.

Outra maneira de solicitar a confirmação de uma informação dada ou marcar a participação durante da interação discursiva é feita por meio de *ñekane*²⁵, que equivale a ‘é verdade?, é mesmo?’. Assim, o pedido de confirmação torna-se claro e às vezes acompanhado com um tom de surpresa, e, a confirmação, por conseguinte, é estabelecida por meio de *ary* ou *ateeneka*.

4.2.2 Temporalidade

No trecho *Ywasaaky txi ywa nhikatary ytarypane* (Naquela hora ele comeu o fígado do irmão dele), exemplo (24b) retirado da história de *Marary*, observamos que a temporalidade é marcada pela forma *ywasaaky*, como mostram os demais exemplos a seguir.

(24)

- a) *Ywasaaky ykekutsa karaka ywa irika xity*
 quando corda arrebentar 3.SG.M cair chão
 ‘Quando a corda arrebentou ele caiu no chão.’
- b) *Ywasaaky txi ywa nhika-ta-ry y-tary-pane*
 quando IDF 3.SG.M comer-VBLZ-3.SG.M 3.SG.M-irmão-fígado
 ‘Naquela época ele comeu o fígado do irmão dele.’
- c) *Lábrea py-sy-kasaaky yukyra nuta p-amanh-innhi*
 Lábrea 2.SG-ir-VBLZ-quando sal 1.SG 2.SG-comprar-GER
 ‘Quando for em Lábrea, você compra sal para mim?’
- Apakata ny-sy-ka-saaky nãmanh-inhi yukyra*
 por acaso 1.SG-ir-VBLZ-quando comprar-GER sal
 ‘Por acaso quando eu for, eu compro sal pra você.’
- d) *Ukatsaãta-ka-saaky ywasaaky kane araũkyre i-txa-ry ymiaku-ry*
 pescar-VBLZ-quando quando ? olhar 3.SG.M-AUX-3.SG.M filhos-3.SG.M
 ‘Enquanto ele pescava, ele olhava os seus filhos nadando no rio.’

²⁴ Permanecemos na aldeia Terra Nova por sete dias em trabalho de campo realizado na segunda viagem de pesquisa.

²⁵ Observamos que o uso desse termo é regular na aldeia Terra Nova.

- e) *Aiata-ka-saaky ykyã makuta-ry ãthupa ãne.*
 caçar-VBLZ-quando ? escultar-3.SG.M mata som
 ‘Ao mesmo tempo que ele caçava ele ouvia o som da floresta.’

De acordo com os exemplos, observamos que a noção de temporalidade é expressa por *ywasaaky* ou *saaky*. Ao analisarmos estas formas nos textos, atentamos para o fato de se tratar de um único termo com dois comportamentos no interior da frase. Quando atrelado a uma base, geralmente verbal, como nos exemplos (29a-b), e (29c) aparece apenas a forma *saaky*; quando não está junto de uma forma verbal, *saaky* se junta ao pronome masculino de terceira pessoa *ywa*, assim temos o termo *ywasaaky*. Como podemos constatar, *saaky* está sempre ocupando a posição final da palavra ao qual ela se agrega. De acordo com Jones (1992), muitas partículas discursivas são confinadas a uma única posição na unidade estrutural da sentença, comportando-se como afixos. O mesmo termo *saaky* também é comumente usado para expressar ações simultâneas como nos exemplos (29c-d).

4.2.2.1 Sequência

No anunciado *atuku ywa aĩkãna ywa akyrytary sosos sosos* (depois ele chamou de novo) observamos o uso do termo *atuku* que é equivalente à ‘depois’, ou seja, possui a função de sequenciador de fatos dentro do discurso. A mesma função pode ser constatada pelas formas *ereka* e *ypusatuku* que, conforme os exemplos a seguir, estabelecem a ideia de sequência.

(24)

- a) *Ereka katymatary katsupary inhikinhi ãpyryta ãaky nyuwa y-takapuãta*
 depois amanhcer katsupary ? balaio dentro 3.PL 3.SG.M-colocar
 ‘Depois amanheceu eles colocavam o katsupary todo dentro do balaio.’

- b) *Ypusatuku xamyna i-txirata kumyry-pe ykukytinhi ãkapane.*
 depois lenha 3.SG.M-partir mandioca-massa torrar propósito
 ‘Depois ele partiu a lenha para torrar a massa da mandioca.’

Assim como no exemplo (24a) o termo *ereka* aparece também no exemplo (22a) como sequenciador de fatos, ambos os exemplos são trechos do texto *Marary*. É importante

mencionar que *ereka* apresenta esta função somente na variedade Apurinã da aldeia Terra Nova. Para outras comunidades, a palavra *ereka* possui o sentido de ‘bom’, como pode ser visto no seguinte enunciado:

- c) *Nonatu-munhi awa aiku ereka-ry, i-tuka-ry ereka apaka,*
 Nonato-alvo tem casa boa-3.SG.M 3.SG.M-derrubada-3.SG.M boa também
ẽteneru ereka apaka, inhinhã, puxuku i-txa
 esposa boa também, portanto, feliz 3.SG.M-AUX
 ‘Nonato tem uma casa boa, um roçado bom, uma mulher boa pra ele, portanto, ele é feliz.’

O exemplo (24b), por sua vez, ilustra a ocorrência de *ypusatuku*²⁶. Este termo une duas formas *upusu* e *atuku* que possuem também a função de sequenciar sentenças nos textos procedurais assim como em algumas narrativas, como em TP01 exemplos (25), TP02 exemplos (26) e TN01 exemplos (27), mais adiante.

Nos textos procedurais TP01 (*awiri*) e TP02 (*katarukyry*) e no texto narrativo TN01 *kema sytukata*, observamos a ocorrência do termo *upusu*²⁷ com a função de estabelecer sequência. Já no texto sobre a confecção de artesanato, proferido pelo colaborador Arivaldo, da aldeia Terra Nova, o sequenciador é o termo *atuku*, como podemos constatar nos exemplos abaixo:

Texto TP01

(25)

- a) *Upusu atha iie pytety-ta-ã atha makatxa-ka txa-ry y-tanapy*
 depois 1.PL DEM prato de barro-LOC 1.PL tirar-PRED AUX-3.SG.M 3.SG.M-tala
 ‘Depois nós tiramos (e colocamos) a tala dele no caco de barro.’
- b) *Upusu kerywaku iie txari-ka-ka u-txa-ry*
 depois o.que.é? DEM secar-PRED-ÊNF 3.SG.F-AUX-3.SG.M.O
 ‘Depois o secamos.’

Texto TP02

(26)

- a) *Ypusu iie manu-pĩ-iã katsunaka txa-ry kumyry-pe*
 depois DEM tipiti-?-LOC espriemer AUX-3.SG.M.O mandioca-massa

²⁶ Enunciado retirado do texto *Katarukyry akama* presente em Vieira et al. (2015).

²⁷ Os termos *ypusu* e *upusu* são variantes lexicais.

‘Depois espremeu nesse tipiti, a massa da mandioca.’

- b) *Ypusu*, *ywa* *ysunāka-pe-ta-ka-ka₂*
 depois 3.SG.M lavar-massa-VBLZ-CAUS
 ‘Depois ele a seca.’

Texto TN01

(27)

- a) *Ypusu* *ywa* *kema anhika* *txa-pe-ru* *hātakuru*
 depois 3.SG.M anta levar embora AUX-PFTV-3.SG.F.O moça

ĩ-tany-ru-t-inhi-ru *nere*
 3.SG.M-cônjuge-VBLZ-GER-3SG.F.O vontade;determinação
 ‘Aí a anta levou a moça para ser esposa dela.’

- b) *Ypusu* *ũ-ynyru*, *ũ-yry* *nyta* *txa-pe-ru*
 depois 3.SG.F-mãe 3.SG.F-pai procurar AUX-PFTV-3.SG.F.O
 ‘Mais tarde a mãe dela e o pai dela procuram por ela.’

Os exemplos (25), (26) e (27) apresentam a partícula *upusu* e sua variante *ypusu* como sequenciadores. As partículas não possuem um único sentido, dependendo do comportamento das mesmas no discurso os sentidos serão distintos, observamos que, especialmente, no exemplo (27) *upusu* além de demonstrar uma sequência de fatos em TN01 também apresenta a ideia de tempo, que veremos na próxima seção.

Os próximos exemplos são retirados do texto sobre a confecção de artesanato e ilustram o sentido de sequência por meio de outros termos.

(28)

- a) *Atuku* *né ny-sy-uawata né iuwata napa-ta* *napa*
 depois né 1.SG-ir-faca né faca passar-VBLZ passar
 ‘Depois eu serrei, eu peguei a faca.’

- b) *Atuku* *ia* *né ny-sy-uawata kunusu anel y-kam-inhi*
 depois DEM né 1.SG.ir-faca caroço anel 3.SG.M-fazer-GER
 ‘Depois eu serro o caroço pra fazer o anel.’

- c) *Atuku* *ia* *né anel, ny-ukeryt-inhi*

depois DEM né anel 1.SG-raspar-GER
 ‘Depois esse anel, eu raspo ele.’

4.2.3 Justificativa

A noção de justificativa é expressa em Apurinã por meio da palavra *kutxi*, como podemos verificar no seguinte enunciado:

(30)

a) *Uwa saka-ry ãparãã kutxi ywa nereka-ry ãparãã*
 3.SG.F dar-3.SG.M água porque 3.SG.M querer-3.SG.M água

i-ãt-inhi ïkapane
 3.SG.M-beber-GER propósito

‘Ela deu água porque ele queria água pra beber.’

b) *Ukaramy-ta txa-pe-ry y-pitxi-myna=nhi kutxi uwa*
 jogar-VBLZ AUX-PFTV-3.SG.M 3.SG.M-pênis-trazer-AFET porque 3.SG.F

Kiiumanetxi=nhi uka-pe.
 velha-AFET matar-PFTV

‘Jogaram foram o tal do pênis dela, porque ele matou a coitada da velhinha.’

Como podemos verificar no exemplo (30b) extraído da narrativa tradicional *Kemasutu*, a ação dos Apurinã em livrar-se do pênis da anta que ainda estava em posse da moça é motivada pelo fato do mesmo ter sido o autor da morte da velhinha, dessa forma, observamos com clareza a justificativa expressa no trecho e apresentada por meio da palavra *kutxi*.

4.2.4 Finalidade

A ideia de finalidade ou propósito em Apurinã é expressa por meio da palavra *ïkapane*, como ilustram os exemplos a seguir:

(31)

a) *Ãna n-ytary nypyry a-ynuru nynu u-nhik-inhi ïkapane*
 Não 1.SG-irmão irmão 1PL-mãe mãe 3.SG.F-comer-GER propósito

‘Não meu irmão, é pra nossa mãe comer.’

b) *Ypusatuku xamyna i-txirata kumyry-pe ykukytinhi ïkapane*

depois lenha 3.SG.M-partir mandioca-massa torrar propósito
 ‘Depois ele partiu a lenha para torrar a massa da mandioca.’

Como podemos confirmar em (31a-b), o termo *ĩkapane* exprime finalidade no discurso Apurinã, em (31a), a finalidade da alimentação, e em (31b), do preparo da farinha. Da mesma forma, o propósito da saciedade presente no exemplo (30a) é apresentado por *ĩkapane*.

4.2.5 Conclusão

O exemplo (32), a seguir, apresenta enunciados com sentido conclusivo. Observamos a maneira pela qual este sentido é expresso em Apurinã.

(32)

a) *Inhinhĩã* ywa xirika-ry yry
 então 3.SG.M lembrar-3.SG.M pai
 ‘Então ele lembrou do pai dele.’

b) *Ĩka* kuna nenawa ina-ry yneka y-sy-pe-ka aiwapuku-munhi
 então não 3.PL.M vir-3.SG.M ? 3.SG.M-ir-PFTV-VBLZ casa-destino
 ‘Então eles não vieram, vocês podem ir pra casa de vocês.’

Ĩka ny-kama-ry-ku
 ‘então 1.SG-fazer-3.SG.M-FUT
 ‘Então, eu vou.’

c) *Nuta ukatsaãta ywaã* ny-myna-ry mamury
 1.SG pescar então 1.SG-trazer-3.SG.M matrinchã
 ‘Eu fui pescar, então eu trouxe matrinchã.’

Como podemos verificar, a ideia de conclusão pode ser expressa por meio de *inhinhĩã*, *ĩka* e *ywaã*, sendo que o uso do primeiro termo é realizado com mais frequência. É relevante dizer que os usos dos termos conclusivos diferem conforme a localização geográfica dos falantes. Na região do Médio Purus, às proximidades de Lábrea e cidades vizinhas, encontramos o compartilhamento da noção de conclusão, principalmente, por meio dos termos *ĩka* e *inhinhĩã*. O uso de *ĩka* e *inhinhĩã* dependerá da variação linguística do falante, observemos os exemplos a seguir:

(33)

d) *Nonatu-munhi awa aiku ereka-ry, i-tuka-ry ereka apaka,*
 Nonato-alvo tem casa boa-3.SG.M 3.SG.M-derrubada-3.SG.M boa também
ẽteneru ereka apaka, inhinhĩã, puxuku i-txa
 esposa boa também, portanto, feliz 3.SG.M-AUX
 ‘Nonato tem uma casa boa, um roçado bom, uma mulher boa pra ele, portanto, ele é feliz.’

e) *Nonatu awa-ry apuku-txi arekary, i-tuka-ry*
 Nonato ter-3.SG.M casa-N.POSSD bom-3.SG.M 3.SG.M-derrubada-3.SG.M
areka-ry, ẽtaneru areka-ry, ywaã ywa arekaxinhi-ry
 bom-3.SG.M esposa bom-3.SG.M, portanto 3.SG.M feliz-3.SG.M
 ‘Nonato tem uma casa boa, um roçado bom, uma mulher boa pra ele, portanto, ele é feliz’.

Como podemos observar, os exemplos (33a-b) apresentam o mesmo enunciado dito de dois modos distintos, ambos enunciados foram dados por colaboradores diferentes na cidade de Lábrea, entretanto pertencentes a comunidades diferentes. Conforme os exemplos, *inhinhĩã* e *ywaã* são usados com o mesmo intuito, ou seja, expressam uma noção conclusiva, dessa maneira, são sinônimos. No entanto, no baixo Purus, na região de Tapauá, a conclusão se dá quase que exclusivamente por *inhinhĩã*.

Inhinhĩã também possui uso como sequenciador, isso ocorre geralmente nas narrativas ou relatos do cotidiano, neste caso o referido termo equivale ao “aí” do português, conforme o exemplo seguinte.

(34)

a) *Apakata enene akatsa-ta-ry y-tapiky*
 também cobra picar-VBLZ-3.SG.M 3.SG.M-perna
 ‘Também uma cobra picou ele na perna.’

Inhinhĩã pupỹkary aku-ry tyrata-ry ywa
 aí Apurinã ajudar-3.SG.M levantar-3.SG.M 3.SG.M
 ‘Então, os Apurinã cuidaram dele.’

Assim como *inhinhĩã* possui outra função em Apurinã, *ywaã* também apresenta outro uso; este termo tem a funcionalidade de localizador, ou entendido como advérbio de lugar

equivalendo à “alí mesmo”, “lá”, conforme Facundes (2000), uma vez que contém em sua estrutura morfológica o sufixo *ã* que trata-se de uma marca de localização:

(35)

- a) *_Kyynyry awa-ry kay atha pithe sary?*
 festa ter-3.SG.M ? 1.PL 2.SG ir
 ‘Vai ter festa alí, tu vai pra festa?’

_Ary ny-sapyty-ka-ku.
 sim 1.SG-ir-ÊNF-FUT
 ‘Sim, eu vou’

_Ïka, ywaã a-sapyty-ka-ku.
 então, portanto 1.PL-ir- ÊNF-FUT
 ‘Então, portanto nós vamos’

A mesma função é atribuída ao termo *ywaïka*, como observamos no exemplo (36), a seguir. No entanto, no discurso, o mesmo termo é utilizado com noção conclusiva, como pode ser visto em (36a) ou como sequenciador como em (36b).

(36)

- a) ...*Ywaïka* *yputurika pikataãputxi sutuãry-pe i-txa.*
 alí começa caminho igarapé-PFTV 3.SG.M-AUX
 ‘Alí mesmo começa o pique até igarapé.’

Ywaïka-ra-ru irary
 alí-FOC-3.SG.F queixadas
 ‘É lá que estão os queixadas.’

- b) *Ywaïka iie akiri-ta i-txa-ru uwa hãtaku-ru*
 alí DEM chmar-VBLZ 3.SG.M-AUX-3.SG.F 3.SG.F jovem-3.SG.F
 ‘Então ela chamou a moça.’

- c) *Ywaïka-puturũã-kata kema pïtxi*
 alí-pular-ASSOC anta pênis
 ‘Aí esse pênis da anta pulou na velha’.

Ainda sobre a noção de conclusão, também constatamos o uso da partícula *iie* para expressar tal sentido, como em (37a); entretanto, isso raramente ocorre. *Iie/ia*, segundo

Facundes (2000), é um dêitico e seu uso é mais frequente nesta última função, embora também *iie* apareça como uma espécie de marcador discursivo, o seu comportamento é semelhante a do artigo definido, isto é, acompanhando um nome, e pode ser visto com regularidade nas narrativas ou na fala de alguns Apurinã, como mostra o exemplo (37b).

(37)

a) *Iie uwa u-tximããpu-ta-pe*

DEM 3.SG.F 3.SG.F-comer frutas-VBLZ-PFTV

‘Aí ela ia comendo.’

b) *Ny-kama iia kunutsaky iia anel, ny-sary ãthupa-munhi iia ap-inhi*

1.SG-fazer DEM bolinha DEM anel 1.SG-ir mata-destino DEM buscar-GER

iia kunusu

DEM caroço.

‘Eu faço a bolinha anel, eu vou no mato buscar caroço.’

4.3 Conclusão

Neste último capítulo apresentamos uma análise das partículas do Apurinã por meio do aspecto pragmático-discursivo, fizemos um levantamento das mesmas em textos e atestamos os usos das mesmas e as funções exercidas no discurso. Comparamos as partículas coletadas nesta pesquisa com as presentes em Facundes (2000). Ampliamos o repertório destas partículas e as organizamos de acordo com os sentidos expressos por elas no discurso. Assim, agrupamos em partículas de confirmação ou concordância, temporalidade, justificativa e conclusão.

No entanto percebemos que muitas partículas possuem mais de um sentido, dependendo da maneira como é usada no discurso. Por exemplo, a forma *inhinhã*, como dito antes, pode manifestar a noção de sequência ou conclusão; também constatamos que há partículas, como as de concordância e confirmação, que estabelecem uma interação semelhante à função fática, durante a interação discursiva. Outras são responsáveis pela marcação de sequência de fatos, finalidade, ou seja, são classes com múltiplos sentidos, o que exige do linguista uma compreensão da língua muito além da sua estrutura gramatical, uma visão que considere os vários contextos de uso associados a diversos fatores da pragmática e do discurso.

Considerações Finais

A presente dissertação teve como propósito desenvolver um estudo sobre alguns termos da gramática da língua Apurinã, levando em consideração possíveis pontos de vista pragmático-discursivos, com o intuito de sanar algumas questões da língua que não podem ser compreendidas apenas por uma visão estritamente gramatical.

A pesquisa partiu de Facundes (2000), de onde foram listados os elementos abordados neste estudo. Dos termos linguísticos necessitados de uma descrição além das fronteiras gramaticais optamos por trabalhar com um elemento morfológico (=nhi) e duas classes de palavras (pronomes pessoais e partículas discursivas).

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro contempla informações sobre o povo e língua Apurinã, assim como o suporte teórico, no qual buscamos nos alicerçar em três estudos linguísticos (gramática, pragmática e discurso) e ainda os procedimentos metodológicos usados na pesquisa.

Com a finalidade de tentar compreender a língua Apurinã, de modo mais amplo, buscamos um elo entre os três domínios linguísticos supracitados. Para tanto recorreremos a uma noção de gramática correspondente à corrente funcionalista. Desta maneira, nos baseamos em Schiffrin (1987), Martelotta (2013), Haspelmath (2001) entre outros autores. No que diz respeito à pragmática, nossa fundamentação foi em Wilson (2006), Fiorin (2010) e Pinto (2006). E, sobre os estudos do discurso, Biber, Conrad e Reppen (1998), Maingueneau (2002), Dooley e Levinsohn (2009) e Paltridge (2006).

Além destes, especialmente para sustentar nossas análises sobre o morfema =nhi, nos apoiamos na morfologia de avaliação por meio de Körtvélyssy (2012), Bauer (1997) e Grandi e Körtvélyssy (2013) e também nos estudos que envolvem língua e afetividade, por meio de Besnier (1990).

No segundo capítulo tratamos exclusivamente da marca morfológica =nhi, apresentamos a distribuição deste morfema na estrutura na língua. Verificamos que, quanto ao aspecto morfossintático, ele ocupa a posição final na estrutura das palavras e ocorre essencialmente com pronomes e nomes. No que diz respeito ao aspecto semântico, pragmático-discursivo, atestamos as duas funções de marca de afetação e finado, descritas por Facundes (2000), e observamos que além dessas, =nhi também é usado para expressar empatia, solidariedade por falante do falante no momento do discurso, demonstrando que em Apurinã a

afetividade pode ser expressa, como apontado em Besnier (1990), por meio de uma categoria morfológica que abrange estes sentidos.

No terceiro capítulo, apresentamos primeiramente uma definição de pronome com base em Bhat (2004) e Cysouw (2003), em seguida são apresentados os pronomes pessoais do Apurinã, segundo Facundes (2000). Posteriormente o capítulo apresenta as análises desta classe em quatro textos compilados no programa computacional FLE_x (*Fieldworks Language Explorer*) e em um agrupamento de doze textos contidos em Vieira et al. (2015). Das análises constatamos que as formas dependentes dos pronomes pessoais possuem frequência superior às formas independentes; a pessoa mais recorrente é a terceira pessoa, em virtude do seu caráter anafórico. Dos três fenômenos estudados, as formas pronominais, foi aquele se mostrou mais complexo e demonstrou mais a necessidade de um trabalho mais aprofundado, além do que um único capítulo de dissertação poderia oferecer.

O quarto capítulo se dedica ao estudo das partículas discursivas da língua. Este capítulo se inicia com as definições desta categoria apresentadas por Haspelmath (2001) e Zwicky (1985). Analisamos o comportamento das partículas discursivas nos materiais coletados em pesquisa de campo e mais os quatro textos presentes no banco de dados da língua e analisados no capítulo III. Da verificação dos usos destas partículas nos textos e nas situações de fala espontânea durante as etapas de pesquisa, concluímos que as mesmas exercem variados sentidos, tais como confirmação, concordância, sequenciação, noção de finalidade, conclusão e noções de tempo. Entretanto, estes sentidos não são exclusivos, ou seja, algumas partículas podem ser usadas com outros sentidos; dependendo do contexto e da intencionalidade do falante, o discurso vai assegurar qual sentido está sendo empregado e qual é a função é exercida.

Esperamos que os estudos presentes neste trabalho possam guiar pesquisas futuras sobre aspectos discursivos na língua, uma vez que apresentamos questões discursivas ainda não exploradas em Apurinã. Deste modo, esperamos também que o mesmo venha contribuir como um instrumento para a elaboração de materiais didáticos que envolvam situações pragmáticas e discursivas da língua.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. 1999. The Arawak language family. In: DIXON and AIKHENVALD (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 65-106.
- BAUER, Laurie. 1997. Evaluative morphology: in search of universals. *Studies in Language*, Vol. 21, pp. 533-575
- BESNIER, Niko. Language and Affect. *Annual Review of Anthropology*. 1990. pp. 419-428.
- BIBER, Douglas, CONRAD, Susan e REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BHAT. D.N.S. *Pronouns*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. New York: Oxford University Press Inc., 2004.
- BRANDÃO, Ana Paula B. *Dicionário da Língua Apurinã*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa). Departamento de Letras e Literaturas Vernáculas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- CHANDLESS, W. Notes on the River Purus. *Journal of the Royal Geographical Society*. Vol. 36. London. 1866.
- CYSOUW, Michael. *The paradigmatic structure of person marking*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- DI GARBO, Francesca. 'Evaluative morphology and noun classification: a cross-linguistic study of Africa'. In *SKASE Journal of Theoretical Linguistics* [online]. vol. 10, no. 1. 2013. pp 114-136.
- DOOLEY, Robert A. LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FACUNDES, Sidney da Silva. *The Language Of The Apurinã People Of Brazil (Maipure/Arawak)*. Nova York, Búfalo: Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo (Tese de Doutorado), 2000.
- _____. Sobre o estatuto das formas pronominais em Apurinã (Aruák). In *II Encontro Nacional do GELCO: Interação Linguística, Étnica e Social*. 2004. Anais. pp. 815-821.
- FIORIN, José Luiz. Pragmática. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Felipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

- HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function. In *New Horizons in Linguistics. 1: An Introduction*, ed. J. Lyons. Harmondsworth: Penguin, 1970.
- HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973.
- HASPELMATH, M. *Parsts of speech*. In *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, 2001. pp. 16538-16545.
- JAKOBSON, R. Concluding statement: linguistics and poetics. 1960.
- JESPERSEN, OTTO. *Language, it's Nature, Development and Origin*. London: George Allen & Unwin LTD. 1922.
- JONES, Linda K. *In Pursuit of Discourse Particles*. In LONGACRE, Robert E. *Language in context*. Dallas: The Summer Institute of Linguistics, 1992. pp. 127-134.
- KÖRTVÉLYESSY, Livia. 2012. Evaluative morphology from cross-linguistic perspective. Paper presented at the conferenceon *Universals and Typology in Word-Formation II*, Košice, 2012.
- LIMA, Bruna Fernanda S. *Variação, Mudanças e o “Duplo Vocabulário” na Língua Apurinã (Aruák)*. Belém, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.
- LYONS, John. *Semantics*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso, enunciado, texto*. In *Análise de textos de comunicação*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística* (org.). 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 43-70.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Texto e gramática*. 1ed., 2ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2010.
- PAYNE, David L. 1991. Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. *Handbook of Amazonian Languages languages*. [S.l.:s.n.]. p. 355-499. v. 3.
- PALTRIGDE, Brian. *Discourse Analysis: an introduction*. London: Continuum, 2006.
- PINTO, Joana Plaza. *Pragmática*. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. V2. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: EDUA, 2001.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SIEWIERSKA, Anna. *Person*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description*. 2ª ed. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SOUZA, Maria Cristina de; FACUNDES, Sidney da Silva. *Tipologia Textual e Oralidade em Apurinã (Aruák)*. In: CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: diversidade linguística e políticas de ensino, II. 2012. Anais. Belém – Pará: Universidade Federal do Pará, 2012.

TALMY, L. *Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms*. 1985.

TAYLOR, Gerald. *O 'caduco' e o 'frustrativo' nas línguas Baniwa di Içana e Nheengatu (Alto rio Negro, Brasil)*. In CARLIN, Eithne B. VAN DE KERKE, Simon (eds.) *Linguistics and Archaeology in the Americas. The Historization of Language and Society*. Leiden: Brill, 2010. Acesso 20 de outubro de 2015. pp. 207-214.

TERRAS INDÍGENAS. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, Eládia Duarte (Synapa); APURINÃ, Raimundo Nonato (Txiupyrÿry); FACUNDES, Sidi (Iüiãpu); VIRTANEN, Pirjo Kristiina (Iriana); FREITAS, Marília Fernanda Pereira de. *Amu Asãkirewata Pupÿkary Sãkire!* 1ª ed. Belém-Pará .2015

VIOLA, Eduardo Vidal. *Pronomes pessoais e marcadores de pessoas nas línguas ameríndias*. Unicamp, Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. 2015.

WILSON, Victoria. *Motivações Pragmáticas*. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística* (org.). 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 87-90.

ZWICKY, Arnold. M. *Clitics and Pasticles*. *Language*. Vol. 61. Nº 2, 1985. pp. 283-304.